



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Gabriel Alexandre Elias

Infância em Pauta: experimentando práticas de Jornalismo Comunitário com o
Ensino Fundamental

Florianópolis
2026

Gabriel Alexandre Elias

Infância em Pauta: experimentando práticas de Jornalismo Comunitário com o
Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Disciplina JOR6803 - Trabalho de Conclusão de Curso, professora Dra. Melina de la Barrera Ayres

Orientadora: Profa. Dra. Isabel Colucci Coelho

Florianópolis

2026

Elias, Gabriel Alexandre
Infância em Pauta : experimentando
práticas de Jornalismo Comunitário com o Ensino
Fundamental / Gabriel Alexandre Elias ;
orientadora, Isabel Colucci Coelho, 2026.
99 p.

Trabalho de Conclusão de Curso
(graduação) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão,
Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2026.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Jornalismo Comunitário.
3. Mídia-Educação. 4. Jornalismo na Escola. 5.
Criança. I. Colucci Coelho, Isabel. II.
Universidade Federal de Santa Catarina.
Graduação em Jornalismo. III. Título.

Gabriel Alexandre Elias

Infância em Pauta: experimentando práticas de Jornalismo Comunitário com o ensino fundamental

Este Trabalho Conclusão de Curso foi julgado adequado, em 29 de junho de 2026, pela banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Profa. Dra. Isabel Colucci Coelho
Orientadora

Prof. Dr. Ildo Francisco Golfetto
Departamento de Jornalismo UFSC

Profa. Dra. Carla Cristiane Loureiro
Colégio Aplicação UFSC

Certificamos que esta é a versão original e final do Trabalho de Conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo,

Insira neste espaço
a assinatura

Profa. Dra. Isabel Colucci Coelho
Orientadora

Insira neste espaço
a assinatura

Gabriel Alexandre Elias
Autor do trabalho

Florianópolis, 2026.

AGRADECIMENTOS

Creio que o primeiro agradecimento que devo fazer deve ser direcionado àquelas que foram diretamente integrais para a produção deste trabalho. Sem minhas colegas do JAC que acompanharam esta produção, ela não seria a mesma da descrita neste documento, quiçá ainda seria possível. Por isso agradeço a Júlia, Luana, Maria Eduarda, Maria Júlia, Nathália e Vitória. Assim como às professoras Isabel e Melina, que acompanharam esta produção não apenas como coordenadoras do projeto de extensão, mas como minha orientadora para este trabalho e minha professora da disciplina de TCC.

Junto a estas, também agradeço a professora Daiane – aquela que foi minha primeira orientadora durante seu projeto de iniciação científica – em nome de todas professoras e professores incríveis que o Curso de Jornalismo da UFSC me proporcionou. Curso que também me proporcionou o JAC e o Jornal Zero, projetos que me permitiram a experimentação e impactaram profundamente minha formação.

Agradeço minha família que, apesar da distância geográfica e entre ausências em encontros e visitas-relâmpago, se esforçou para reduzir a distância emocional. Sendo especialmente impactante deixar de compartilhar o cotidiano com meu irmão, Eduardo, e perder sua fase de crescimento (excessivo).

Passo então a agradecer aquelas pessoas que me acompanham, senão diariamente, pelo menos semanalmente, em meu cotidiano. Agradeço minhas amigas e meus amigos da UFSC: Isabela, Gustavo, Davi, Fernanda, Marina e Warley, este que conseguiu o feito de convencer esse ser tímido e introspectivo a entrar no JAC.

Agradeço às pessoas que indiretamente me apoiaram durante esse período de execução do TCC. Após todas as quartas de encontros presenciais na escola, seguidos de expedientes de estágio, encontrava motivação na expectativa de encontrar Tiago, Fê, Gabby e Linhares. Estas duas últimas a quem agradeço em especial por me cederem o espaço de sua cafeteria onde neste momento escrevo estas linhas.

Em um raro momento de devoção, também agradeço ao anjo que foi colocado no meu caminho e que me apoiou enormemente durante este processo. Sei que independente do nome e forma que tome, assim como qual rumo que nossas vidas sigam, continuarei agradecendo o impacto positivo que teve para mim e a relação que firmarmos ao longo desse tempo.

Um dia briguei por uma vida.

Um dia caminhei sem rumo.

Nunca achei que seria o certo.

Ver o meu povo sem futuro.

— Brincando do jeito que dá, Devotos

*Abertura do álbum Flores com espinhos
para o rei, 2006*

RESUMO

Propõem-se com esse Trabalho de Conclusão de Curso o registro, por meio de descrição e análise, das práticas experimentais de Jornalismo Comunitário, que culminaram com o desenvolvimento de um produto jornalístico, junto às crianças de uma turma de quinto ano da Escola de Educação Básica Municipal Professora Neuza Paula da Silveira, localizada no Bairro Ingleses do Rio Vermelho. As atividades aconteceram em parceria do projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária, do Departamento de Jornalismo da UFSC, e a disciplina Educação Digital e Midiática da escola, ministrada pela professora Nali Pedroso Nunes. A proposta do produto consiste em uma revista produzida pelas crianças sobre a interculturalidade na escola, resultante do contexto migratório que permeia a instituição e o bairro. Considera-se aqui a infância enquanto momento de exclusão da vida política, portanto necessitando uma abordagem mais humanística do jornalismo, que considere a responsabilidade social da prática.

Palavras-chave: Jornalismo Comunitário; Mídia-Educação; Jornalismo na Escola; Criança; Ingleses do Rio Vermelho.

ABSTRACT

This final course project proposes to record, through description and analysis, the experimental practices of communitary journalism, culminating in the development of a journalistic product, with children in a fifth-grade class at the Professora Neuza Paula da Silveira Municipal Basic Education School, located in the Ingleses do Rio Vermelho neighborhood. The activities took place in partnership with the Jornalismo e Ação Comunitária extension project of the Journalism Department at UFSC, and the school's Digital and Media Education class, taught by teacher Nali Pedroso Nunes. The proposed product consists of a magazine produced by the children about interculturality in the school, which is result from the migratory context that permeates the institution and the neighborhood. Childhood is considered here as a time of exclusion from political life, therefore requiring a more humanistic approach to journalism that considers the social responsibility of the practice.

Keywords: Communitary Journalism; Media Education: Journalism in Schools; Childhood; Ingleses do Rio Vermelho (Florianópolis).

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Proposta de capa realizada em sala.	18
Figura 2 – Proposta de capa editada pelo autor, incluindo sugestão de imagem recomendada pela professora Nali.....	19
Figura 3 – Mapa-múndi destacado durante dinâmica proposta.....	26
Figura 4 – Foto do processo de escolha e discussão das pautas.	27
Figura 5 – Foto do processo de escolha e discussão das pautas.	28
Figura 6 – Registro da oficina de entrevista com a cozinheira da escola.....	30
Figura 7 – Registro da oficina de entrevista com a cozinheira da escola.....	30
Figura 8 – Registro do roteiro de entrevistas sobre a greve desenvolvido durante o encontro..	33
Figura 9 – Anotações da pauta Cultura das Famílias.....	37
Figura 10 – Anotações da pauta Lazer e Turismo.....	38
Figura 11 – Anotações da pauta História da Escola.....	39
Figura 12 – Anotações da pauta Projetos Sociais.....	40
Figura 13 – Registro de estudantes durante a elaboração do infográfico..	45

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CCE	Centro de Comunicação e Expressão
EBM	Escola Básica Municipal
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC	Jornalismo e Ação Comunitária
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
SME	Secretária Municipal de Educação
Sintrasem	Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis
SJSC	Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina
Pibid	Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência
PODE	Partido Podemos

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	10
1.1	PROPOSTA	10
1.2	APRESENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO	11
1.2.1	Planejamento Inicial.....	12
1.2.2	Planejamento Executado.....	12
1.3	CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AGENTES	13
1.3.1	UFSC e a Disciplina de TCC.....	13
1.3.2	Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária	14
1.3.3	Escola da Infância e os Ingleses	15
1.4	PRODUTO DO PROCESSO	17
1.5	SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO.....	20
1.6	OBJETIVOS	20
1.6.1	Objetivos Gerais.....	20
1.6.2	Objetivos Específicos.....	20
2.	JORNALISMO COMUNITÁRIO.....	21
2.1	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA.....	21
2.2	PÚBLICO INFANTIL E O JORNALISMO	22
3.	DESENVOLVIMENTO DO PROJETO.....	23
3.1	1º ENCONTRO – APRESENTAÇÃO DO GRUPO E PROPOSTA	24
3.2	2º ENCONTRO – OFICINA DE ENTREVISTA	28
3.3	3º ENCONTRO – RECAPITULAÇÃO DOS ENCONTROS E ROTEIRIZAÇÃO DE ENTREVISTAS.....	31
3.4	4º ENCONTRO – APURAÇÃO NA ESCOLA.....	35
3.5	5º ENCONTRO - FINALIZAÇÃO DOS TEXTOS E TRABALHO NA PÁGINA 41	
3.6	PÓS-PRODUÇÃO E EDIÇÃO DA REVISTA	46
3.7	APRESENTAÇÃO DA REVISTA	47
3.8	RECURSOS DO TCC	49
4.	DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS	52
	REFERÊNCIAS	56
	APÊNDICE A – PROPOSTA APRESENTADA À SME.....	58
	APÊNDICE B – REVISTA RESULTADO DA PROPOSTA	68
	APÊNDICE C – INFOGRAFIA PRODUZIDA COM DADOS DO IBGE	77

APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS	79
ANEXO A – FICHA DE TCC.....	93
ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	95
ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM	96

1. INTRODUÇÃO

Este relatório descreve o planejamento, a execução e a reflexão sobre um processo de Jornalismo Comunitário elaborado junto à Turma 52, de quinto ano do Ensino Fundamental, da Escola Básica Municipal (EBM) Professora Neuza Paula da Silveira – Escola da Infância, na disciplina Educação Digital e Midiática da escola, ministrada pela professora Nali Pedroso Nunes. O presente documento registra os aspectos teóricos e práticos da ação.

A execução aconteceu na escola entre os dias 15 de abril a 3 de junho, com a realização de cinco encontros presenciais, sempre às quartas-feiras pela manhã, período no qual se deu a produção de uma revista que orientou a prática com as crianças. O planejamento da ação, no entanto, vinha acontecendo desde março de 2026, quando tivemos as primeiras reuniões com a professora Nali Pedroso Nunes e elaborei a proposta da atividade (Apêndice A) apresentada à Secretaria Municipal de Educação de Florianópolis (SME) para a execução do projeto.

A ação se deu por meio de uma parceria entre a instituição e um grupo de extensionistas do Jornalismo e Ação Comunitária (JAC), projeto de extensão do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) dedicado a produções de Jornalismo Comunitário, com qual foi aplicada a etapa prática do processo.

O produto final do processo é uma revista de oito páginas, de formato A4, contendo seis textos produzidos pelas crianças da turma com apoio das extensionistas do JAC. Além das cinco páginas de conteúdo, o material possui uma capa proposta em coletivo pela turma, uma contracapa contendo uma receita de bolo, resultado de uma das oficinas realizadas, e o expediente descrevendo brevemente o processo em que foi produzida a revista e listando o nome de todas pessoas presentes nas duas equipes.

1.1 PROPOSTA

Esta parceria partiu como demanda da professora da Escola da Infância Nali Pedroso Nunes ao projeto de extensão JAC, vinculado ao Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Outra turma da professora já havia trabalhado anteriormente em parceria com o curso de Jornalismo da UFSC, mas nesta

ocasião a partir de uma proposta da disciplina curricular obrigatória da sexta fase do curso de Graduação em Jornalismo da UFSC Jornalismo Comunitário (JOR6628), ministrada pelas mesmas professoras que coordenam o JAC, Isabel Colucci Coelho e Melina de la Barrera Ayres.

Em nossa primeira reunião para discutir a demanda, participamos eu (Gabriel Elias) e as professoras Nali, Isabel e Melina. Na ocasião, a professora Nali apresentou o interesse em se trabalhar com o formato da mídia impressa, até então não explorado pela turma. O objetivo desta atividade seria exercitar o pensamento crítico dos(as) alunos(as) através da análise dos dados disponíveis a composição cultural dos estudantes, a partir de seus lugares de origem, além de trabalhar assim a subjetividade destes(as) através da produção de representações de si e do coletivo escolar.

Assim, propusemos a elaboração de uma revista (de oito ou 12 páginas) que incluía uma análise sobre tais dados, junto a textos jornalísticos que abordassem a diversidade e variedade cultural de infâncias presentes na comunidade escolar, além da história da mesma e de outros que a compoñham.

Todas as crianças que têm sua imagem presente na revista tiveram um termo de direito de uso da imagem assinado por seus responsáveis legais assim como o modelo presente neste documento (Anexo C).

A execução do processo levou a produção para caminhos distintos dos registrados inicialmente na proposta apresentada à Secretaria de Educação, especialmente em relação ao cronograma de execução.

1.2 APRESENTAÇÃO DO PLANEJAMENTO

O planejamento inicial para a aplicação das oficinas na escola sofreu diversas alterações em razão da greve dos servidores públicos de Florianópolis, deflagrada pelo Sindicato dos Trabalhadores no Serviço Público Municipal de Florianópolis (Sintrasem) no dia 23 de maio pela negociação da data-base e de outras demandas recorrentes em outros anos, como a melhoria das estruturas de saúde e educação, além da inclusão de auxiliares de sala no quadro do magistério. A paralisação afetou o funcionamento da Rede Municipal de Educação e, portanto, o desenvolvimento das atividades nas datas previstas.

Torna-se então relevante, para o registro do processo, apresentar em seguida o planejamento inicial e o executado, considerando suas adaptações.

Todos encontros presenciais aconteceram às quartas-feiras, durante o horário de aula, com duração de em torno de 1h30, das 10h às 11h30, com exceção do primeiro encontro, que, por uma atividade que acontecia na escola, se iniciou às 9h e foi até as 10h30. O horário habitual acontecia entre a volta do primeiro intervalo da manhã e a saída para o almoço. Resultado disso era que as crianças costumavam chegar agitadas do intervalo e levarem um tempo até se concentrarem na dinâmica e começavam a se dispersar novamente pelo final, se não por fome, pela presença dos computadores na sala, onde passavam a jogar.

1.2.1 Planejamento Inicial

A proposta inicial de oficinas consistia em cinco encontros, com idas à escola de 15 de abril a 27 de maio. A escolha das datas teve como motivo considerar a realidade escolar, com o período de avaliações finais precedendo as férias, e o prazo para elaboração e entrega deste TCC.

Além dos encontros presenciais, planejamos tarefas para serem desenvolvidas entre a professora e a turma nas semanas em que o grupo não estaria presente. Abaixo seguem listados os tópicos previstos para serem abordados em cada encontro.

- **1º Encontro – 15/04:** Introdução e apresentação dos dados;
- **2º Encontro – 22/04:** Acompanhamento das produções;
- **3º Encontro – 29/04:** Oficina de texto;
- **1ª Atividade – 06/05:** Organizar com a professora regente da turma o acompanhamento da produção textual;
- **4º Encontro – 13/05:** Oficina de diagramação e acompanhamento do texto;
- **2ª Atividade – 20/05:** Organizar com a professora regente da turma o acompanhamento da produção textual;
- **Encontro Final – 27/05:** Fechamento da produção.

1.2.2 Planejamento Executado

Com a interrupção das atividades pela greve já após o segundo encontro, tivemos um período de atividades mais longo que o esperado, mas que incluía mais

encontros seguidos e um intervalo de três semanas entre o 2º e 3º encontro. O mesmo intervalo provocou um distanciamento entre a turma e o projeto que desenvolvíamos, necessitando de uma recapitulação para lembrar as crianças do que havíamos trabalhado até então.

Propostas inicialmente planejadas para serem desenvolvidas com maior participação da turma tiveram que ser simplificadas e em alguma parte delegadas ao JAC, isso inclui a diagramação das páginas e a edição final do conteúdo.

- **1º Encontro – 15/04:** Introdução e apresentação dos dados;
- **2º Encontro – 22/04:** Oficina de entrevista;
- **3º Encontro – 13/05:** Recapitulação e roteirização de entrevistas;
- **1ª Atividade – 19/05:** Saída para executar entrevistas sobre a greve;
- **4º Encontro – 20/05:** Entrevistas e apuração para pautas;
- **5º Encontro – 03/06:** Escrita do texto e organização da página;
- **2ª Atividade – 10/06:** Elaboração da capa e nome da revista

1.3 CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE AGENTES

1.3.1 UFSC e a Disciplina de TCC

Localizado em Florianópolis, no bairro Trindade, o *campus* sede da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oferta mais de 60 cursos de graduação divididos em 10 centros de ensino. Enquanto universidade pública, a UFSC funciona a partir do tripé de Ensino, Pesquisa e Extensão, cada elemento sendo uma forma de retorno à sociedade dos recursos investidos no funcionamento da instituição. A ação descrita neste projeto se relaciona especialmente com o propósito de Extensão, portanto no retorno direto através do trabalho com a comunidade externa à universidade, no entanto sua relação com o propósito de ensino deve ser ressaltada.

Além de propor um diálogo muito próximo dos conhecimentos propostos pela disciplina de Jornalismo Comunitário, este documento também é desenvolvido dentro da disciplina de Trabalho de Conclusão de Curso (JOR6803), sendo esta diretamente relacionada com todos os conhecimentos anteriores passados ao longo da graduação.

Enquanto formato de TCC, o presente documento narra uma prática enquadrada como projetos comunicacionais e jornalísticos, categoria estabelecida

pelo regulamento do Curso de Jornalismo que tem como uma das funções contemplar a comunicação comunitária. Considera-se nesse processo, portanto, o processo prático, sua base teórico-metodológica e as reflexões geradas a partir deste.

1.3.2 Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária

O JAC é um projeto vinculado ao Departamento de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) criado no contexto da pandemia de Covid-19, em 2020. Coordenado pelas professoras responsáveis pela disciplina curricular obrigatória de Jornalismo Comunitário, Melina de la Barrera Ayres e Isabel Colucci Coelho, a primeira atividade desenvolvida pelo projeto foi o desenvolvimento das “pipas informativas”, panfletos destinados a divulgação de informações sanitárias às comunidades do Maciço do Morro da Cruz, região vulnerabilizada localizada na região central de Florianópolis e vizinha à universidade, para a prevenção do contágio e de cuidados com o vírus.

Nos anos seguintes o projeto se desenvolveu seguindo os preceitos do Jornalismo Comunitário de atender grupos socialmente vulneráveis partindo das demandas apresentadas pela comunidade, portanto sempre construindo suas práticas a partir do diálogo e distante rotinas do jornalismo hegemônico, que por vezes esconde em sua técnica a reprodução de preconceitos e estruturas de poder (Veiga, da Silveira Fonseca, 2011). Como resultado de suas ações, produziu documentários, *videocasts*, mostras fotográficas, entre outros.

Atualmente o projeto conta com uma bolsa de extensão e as demais pessoas que participam do projeto são estudantes voluntárias ou realizam o estágio curricular obrigatório (também não-remunerado). O JAC conta com 59 membros, dos quais cerca de 30 vêm participando ativamente das atividades neste primeiro semestre letivo de 2026. Minha entrada no projeto se deu no final do semestre de 2024.1, onde segui como extensionista voluntário, geralmente atuando em tarefas que exigiam conhecimentos sobre produção gráfica, com uma passagem na condição de estagiário no semestre de 2025.1.

A atividade desenvolvida na Escola da Infância parte de uma parceria recorrente com a professora de Educação Digital e Midiática Nali Pedroso Nunes, que vem atuando em parcerias com o JAC desde 2022 em diferentes instituições de ensino pelas quais passou. Na Escola da Infância, as atividades em conjunto com estudantes do Curso de Jornalismo acontecem desde 2025, para práticas da disciplina de

Jornalismo Comunitário, nos quais as turmas da graduação dos semestres 2025.1 e 2025.2 desenvolveram projetos primariamente de entrevista e fotografia com uma mesma turma do 4º Ano do Ensino Fundamental, composta por uma minoria de crianças que compõem a turma de 5º Ano com qual o presente trabalho foi desenvolvido.

Nos organizávamos para os encontros presenciais em um rodízio de até seis pessoas, sendo as duas professoras e mais quatro extensionistas. A equipe total presente nas ações foi: As professoras Isabel Colucci Coelho, Melina de la Barrera Ayres, da bolsista Júlia Cataneo e das extensionistas Gabriel Elias, Luana Cardoso Gregório, Maria Eduarda Rigotti Bonfante, Maria Júlia de Barros Barbosa, Nathália Madeira Dias e Vitória Vasconcellos Hanzel.

O limite de seis pessoas foi definido em razão da logística para a locomoção até o bairro dos Ingleses, onde íamos de carona junto à professora Isabel, portanto com no máximo cinco pessoas no carro, mais a professora Melina, que mora mais próximo da escola. Como eu tinha maior participação na coordenação do projeto e a Júlia Cataneo é a bolsista do projeto, geralmente não revezávamos as idas e íamos sempre que possível.

Em seguida descrevo a demanda apresentada e o contexto da instituição.

1.3.3 Escola da Infância e os Ingleses

O interesse da professora Nali com este último contato com o JAC foi para um trabalho envolvendo a turma que não tinha sido contemplada nas atividades da disciplina de Jornalismo Comunitário. Especificamente, buscava a interação com o meio impresso de forma que se explorasse a interculturalidade da escola.

A interculturalidade, enquanto conceito tem suas raízes em textos sobre linguística que buscavam relatar sobretudo os processos culturais da interação e uso específico das línguas nativas de povos indígenas latino-americanos com a língua majoritária do país. A ideia passa a extrapolar o cenário linguístico no momento em que é aplicada na educação, passando a tratar da “interrelação de contato e conflito entre as sociedades indígenas e a sociedade hegemônica ou ‘nacional’” (López, 2009, tradução livre do autor). Portanto, este, marca uma diferença do sistema multicultural, baseado no reconhecimento da diversidade cultural sem abordar uma articulação entre estas culturas, ao propor que diferentes culturas podem integrar um mesmo indivíduo (Repetto, 2019).

A temática escolhida pela professora Nali está diretamente ligada ao cotidiano da comunidade escolar e do bairro onde ela está localizada. A EBM Professora Neuza Paula da Silveira é relativamente recente, inaugurada no ano de 2020, e é vizinha à EBM Herondina Medeiros Zeferino, a maior em número de matrículas da rede municipal e que abrange o ensino do 1º ao 9º Ano do Ensino Fundamental, portanto o Ensino Fundamental I e II, enquanto a escola mais nova vai apenas até o Ensino Fundamental I, do G5 da Educação Infantil ao 5º Ano do Ensino Fundamental.

A construção da segunda escola reflete uma realidade do bairro onde as duas estão situadas. O Ingleses do Rio Vermelho é uma das regiões de Florianópolis com o maior número de moradores que migraram de outras regiões do Brasil ou que vieram de outros países, segundo os dados do Censo Demográfico de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012)¹. Em relação à origem de outros estados da federação, os dados indicam o bairro dos Ingleses como o único que tem uma proporção maior de moradores nascidos em outros estados do que de nascidos em Santa Catarina. Quanto à origem de nascidos fora do município de Florianópolis, as duas divisões distritais do bairro ficam entre as três de maior proporção, com o Distrito de Canasvieiras, também da Região Norte da cidade, ocupando a segunda posição.

Tal fenômeno é comum à cidade de Florianópolis como um todo, que segundo os mesmos dados tem uma proporção de aproximadamente 1,1 pessoa moradora da cidade nascida em outro município para cada dois habitantes. No entanto, nota-se a concentração desse fluxo migratório na Região Norte, um resultado da propaganda de turismo realizada sobre esta região, assim como também a Leste, que remodela a dinâmica social e habitacional da região ao atrair tanto famílias das classes mais altas, quanto das mais baixas (Chesini, 2012).

O levantamento desses dados se tornou relevante para o preparo e compreensão da realidade da comunidade na qual nós, enquanto JAC, pretendíamos atuar, contribuindo assim para o planejamento das ações programadas

¹ Aqui foi utilizado o Censo de 2010, pois, até o momento da elaboração da prática aqui descrita e da escrita deste documento, este é o conjunto de dados mais recente que disponibiliza os microdados da naturalidade de moradores da região com divisão distrital. O Censo de 2022 ainda não teve tais dados organizados, portanto estes não estão disponíveis nem publicamente, nem mediante pedido de informação, conforme foi feito. Como descrito, o censo considera uma divisão distrital, portanto aqui se considera o Bairro dos Ingleses do Rio Vermelho enquanto as divisões Ingleses do Rio Vermelho I e II, propostas pelo IBGE.

O reflexo disso na realidade escolar foi comprovado estatisticamente, através da catalogação dos dados do sistema da escola, que indicou que, de 637 estudantes, 310 são originais de Florianópolis, uma pequena parte (27) de outras cidades de Santa Catarina e as demais de outros estados do país (259), principalmente do Rio Grande do Sul (138), ou de outros países (41), em especial latino-americanos, como Argentina, Venezuela, Cuba, Uruguai, Peru e Colômbia (36).²

1.4 PRODUTO DO PROCESSO

O processo teve como resultado final a execução de uma série de cinco encontros, incluindo uma oficina de entrevista e uma saída pela escola para entrevistas, e a produção de uma revista de oito páginas contendo capa, contracapa, expediente e cinco textos elaborados em grupos, além de uma entrevista coletiva em formato pingue-pongue feita a partir de um roteiro elaborado em sala.

O nome da publicação, “Farmar Aura” na Escola da Infância, foi definido por votação em aula com a professora Nali após o término dos encontros presenciais. A proposta de capa foi feita na mesma aula e editada por mim, assim como todas as demais páginas da revista.

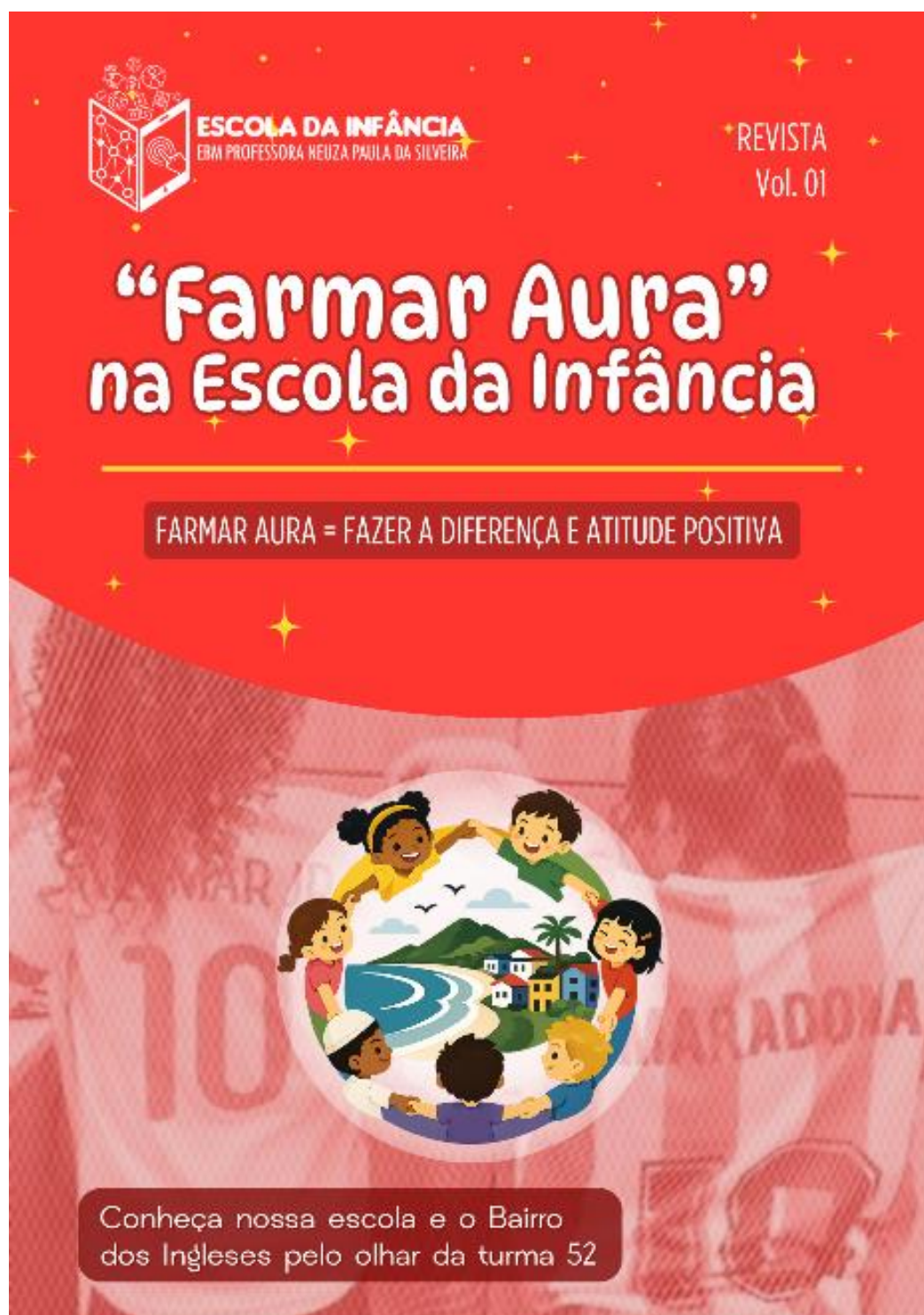
² A contagem pode conter pequenas divergências considerando que os dados foram coletados manualmente, visto que o sistema acessível à secretaria da escola não possui uma ferramenta tão refinada de filtros e a disponibilização de seu pleno acesso representaria violação à Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). O método que utilizei foi dedicar uma ida para a escola exclusivamente para a contagem da estatística junto da secretária da unidade. Alguns destes dados estavam desatualizados e foram atualizados durante o registro com a checagem da ficha cadastral de cada estudante. Assim, esse levantamento pode ser considerado como exclusivo desse TCC.

Figura 1 – Proposta de capa realizada em sala.



Fonte: Autor

Figura 2 – Proposta de capa editada pelo autor, incluindo sugestão de imagem recomendada pela professora Nali.



Fonte: Autor

Durante o processo de edição busquei manter o intuito e a linguagem utilizada no texto inicialmente elaborado pelos estudantes e/ou com auxílio das oficinairas do JAC. Quando necessário, foi construída uma introdução para cada tema ou então um

texto que conectasse o assunto tratado em um paragrafo com os seguintes ou providenciando contexto necessário para a compreensão do tema.

A revista pronta pode ser consultada nos Apêndices deste documento (Apêndice B)

1.5 SOBRE A ORGANIZAÇÃO DO RELATÓRIO

De início irei discorrer sobre o que estou entendendo por Jornalismo Comunitário e como essa abordagem será aplicada no trabalho com o público infantil. Na sequência, irei descrever brevemente o produto jornalístico desenvolvido e os objetivos deste processo. Nas seções seguintes serão descritos com maior profundidade a execução prática e quais foram os caminhos tomados para se adaptar a proposta inicial frente às adversidades apresentadas. Por fim, apresentarei uma reflexão a partir do processo vivido.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 Objetivos Gerais

Criar e desenvolver uma ação de Jornalismo Comunitário junto a crianças de forma que contribua para o fortalecimento da coletividade dos(as) estudantes enquanto comunidade ao discutir a interculturalidade que atravessa o território.

1.6.2 Objetivos Específicos

- Desenvolver um processo jornalístico, orientado pela perspectiva do Jornalismo Comunitário, que propicie a emergência da voz das crianças;
- Criar um produto jornalístico que valorize a identidade da comunidade atendida;
- Valorizar ao longo do processo a perspectiva e visão de mundo das(os) estudantes da escola;
- Executar a proposta através de encontros presenciais com oficinas sobre diferentes aspectos da produção jornalística;
- Quando necessário, adaptar práticas comuns ao jornalismo para uma abordagem que considere a subjetividade da vivência das crianças, utilizando

esse processo como experimentação para outras abordagens do fazer jornalístico;

- Editar uma revista que condense textual e visualmente a realidade dos alunos participantes do projeto.

2. JORNALISMO COMUNITÁRIO

2.1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O conceito de Jornalismo Comunitário descreve uma prática alternativa da produção jornalística, que propõe um distanciamento dos modelos do jornalismo hegemônico ou comercial sem abdicar das práticas de comunicação específicas do meio jornalístico. Cicilia Peruzzo descreve as diferentes vertentes do jornalismo alternativo como frutos de um mesmo contexto histórico, da ditadura militar, em que a censura e a repressão política sobre os meios informativos obrigaram à reformulação de processos. Assim a autora define a diferença entre os meios populares, comunitários e alternativos enquanto o propósito específico de cada prática.

Nas experiências de caráter popular-comunitário, a finalidade, em última instância, é favorecer a autoemancipação humana e contribuir para a melhoria das condições de existência das populações empobrecidas, de modo a reduzir a pobreza, a discriminação, a violência etc., bem como avançar na equidade social e no respeito à diversidade cultural. (...) Estes privilegiam o atendimento às necessidades concretas de segmentos populacionais de acordo com cada realidade. Nessa práxis ocorre a **Educomunicação comunitária** (Peruzzo, 2007), uma modalidade de comunicação educativa que se constitui no bojo de dinâmicas voltadas à mudança social — **ampliação da cidadania** — ou, em outros termos, uma comunicação para o desenvolvimento sustentável (Conteçote, 2008), melhor dizendo, para a transformação social ou para a cidadania. (Peruzzo, 2009, p. 134-135 grifo do autor)

A ideia de uma prática jornalística para a “ampliação da cidadania” será revisitada ao longo deste texto, considerando que ela é fundamental para os trabalhos elaborados pelo projeto de extensão JAC, com qual foi executado o projeto comunicacional aqui descrito.

Por mais que ainda não exista referencial teórico direto sobre a metodologia de atuação do JAC, este pode ser descrito através das experiências empíricas do grupo e dos referenciais teóricos utilizados pelas professoras Isabel Colucci e Melina Ayres para a construção da noção de Jornalismo Comunitário utilizado no Curso de

Jornalismo da UFSC atualmente. A descrição de tal metodologia enquanto algo rígido também esbarra nos próprios princípios de Jornalismo Comunitário descritos por Peruzzo (2007, p.).

O espaço na mídia comunitária é um campo de conflitos. Não há um modelo único, apesar de existirem características centrais que a caracterizam. Cada vez mais a comunicação comunitária vai se revelando numa pluralidade de formas e mostrando sua validade no contexto das comunidades, mesmo que não expressem mecanismos puros de autogestão.

No mesmo texto, a autora descreve como necessário para uma prática comunitária (e a não vulgarização do termo) a necessidade de um modelo de gestão/ação que considere as necessidades da comunidade atendida, suas características culturais próprias e uma participação horizontalizada. Tal conjunto de características resulta em uma negação de um processo hierárquico de produção que valorize mais o individual, especialmente o individual dos sujeitos que supostamente tem o controle das técnicas e meios de comunicação, do que o coletivo, adaptando, se necessário, a forma do meio para a necessidade apresentada.

2.2 PÚBLICO INFANTIL E O JORNALISMO

Torna-se então necessário, para os propósitos deste trabalho, abordar as especificidades do grupo atendido, sendo este uma turma do 5º Ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública de Florianópolis, com uma média de idade entre os 9 e 11 anos. Aqui se deve considerar a visão normalmente aplicada sobre o público infantil pelo jornalismo tradicional, que raramente oportuniza uma abertura para a participação ativa destes sujeitos, sendo geralmente retratados mais como agentes passivos.

Pode-se considerar uma das principais rupturas promovidas pelo JAC para o trabalho com o público infantil algo que advém diretamente da proposta do Jornalismo Comunitário: a busca da produção de representações midiáticas de um grupo em conjunto com o mesmo. Isso, portanto, significa permitir e oferecer os instrumentos necessários para que crianças possam expressar seus anseios através das técnicas e do conhecimento oferecido pelas(os) extensionistas e professoras do JAC.

A infância é especialmente prejudicada, entre todos os grupos e categorias sociais excluídas, quer pela relativa invisibilidade face às políticas públicas e aos seus efeitos, quer por que *[sic]* é geralmente excluída do processo de decisão na vida colectiva (Sarmiento, Fernandes, Tomás, 2007 p. 183).

Esta é uma afirmativa da qual Manuel Jacinto Sarmiento, Natália Fernandes e Catarina Tomás partem para descrever o cenário da participação de crianças em decisões políticas. Nele se considera como essa exclusão da vida pública resulta em um impedimento para a cidadania plena deste grupo de indivíduos.

Dentre as alternativas para construção desta participação, o artigo cita a escola como um espaço de intervenção, algo que representa em alguma medida um rompimento com uma leitura que apresenta a instituição como um dos agentes de controle e cerceamento desta cidadania ativa. O espaço escolar pode ser levado em consideração também como relevante para um uso educativo do Jornalismo Comunitário, sendo este um de seus pilares (Peruzzo, 2007) e promovendo uma aproximação da educomunicação e estratégias como a pedagogia dos meios, abordagem de base freiriana de Maria Isabel Orofino (2012) para uma educação crítica e participativa.

Portanto aqui ressaltam-se em especial dois pontos para serem levados enquanto guias desse processo:

- 1) Participação infantil; nisso considerando uma abordagem dialética e horizontal do conhecimento.
- 2) Abordagem educativa; vendo a produção jornalística não apenas como um conjunto de técnicas, mas também como uma forma de produção de conhecimento (Meditich, 1998) e oportunidade de participação política (Sarmiento, Fernandes, Tomás, 2007)

3. DESENVOLVIMENTO DO PROJETO

Nesta seção pretendo descrever encontro por encontro as atividades desenvolvidas, a composição da equipe presente e os resultados obtidos. As reflexões sobre a prática serão abordadas com mais profundidade após a descrição dos recursos utilizados.

Tabela 1 – Divisão dos encontros presenciais planejados e executados

Data	Encontro
15/04	1º encontro planejado e executado
22/04	2º encontro planejado e executado
29/04	3º encontro planejado, cancelado em razão da greve
06/05	1ª atividade não presencial planejada, cancelada em razão da greve
13/05	4º encontro planejado, 3º encontro realizado
20/05	2ª atividade não presencial planejada, 4º encontro presencial executado
27/05	Encontro final planejado, atrasado em razão da greve e cancelado por reunião de professores
03/06	Encontro final executado
10/06	Última atividade não presencial para elaboração do nome da revista e de sua capa

Fonte: Autor

3.1 1º ENCONTRO – APRESENTAÇÃO DO GRUPO E PROPOSTA

Oficineiras³ presentes: Gabriel Elias, Isabel Colucci, Júlia Cataneo, Maria Eduarda Bonfante, Melina Ayres e Vitória Hanzel.

Dedicamos esse primeiro encontro para nos apresentarmos à turma e conhecermos as crianças que faziam parte dela. Antes mesmo das apresentações alguns estudantes demonstraram reconhecer as professoras Melina e Isabel das atividades desenvolvidas no ano anterior, por mais que a reação tenha partido de alunos que fizeram parte da outra turma e das produções passadas, foi possível notar que as atividades de Jornalismo Comunitário ficaram marcadas até entre aqueles que não tiveram participação direta da produção. Inclusive uma das crianças chegou a nos questionar “por quê vocês gostam mais da 41?”, se referindo à outra turma do então 4º Ano, assim como “por quê vocês estão em um grupo muito menor que o ano

³ Optou-se aqui por utilizar a flexão do substantivo no gênero feminino, contrariando a norma culta que prevê o uso do masculino em ocasiões onde o plural se refere a um grupo composto de pessoas ou substantivos masculinos e femininos. A decisão parte do grupo ser composto majoritariamente por mulheres e pela interpretação de que nessa regra a norma estaria reproduzindo um viés patriarcal através da língua.

passado?”. As professoras Isabel e a Nali então explicaram que a turma foi escolhida pela coincidência de horários entre as aulas de Jornalismo Comunitário e Educação em Mídias Digitais, permitindo os encontros presenciais, e que os estudantes do Curso de Jornalismo puderam retornar para trabalhar com a outra turma, agora como JAC, que, por ser um projeto de extensão voluntário, possui menos participantes.

A dinâmica inicial de apresentação seguiu a proposta de resposta das perguntas “qual é seu nome?”, “de onde você vem?” e “o quê torna sua escola especial?”, com asicineiras respondendo a última pergunta sobre a escola onde cursaram o Ensino Fundamental e a professora Isabel respondendo sobre a UFSC. As crianças também acabaram adicionando a idade às apresentações, que variavam de nove a 11 anos.

Um dos resultados desta primeira dinâmica foi descobrir que, da turma de em torno de 30 estudantes, apenas seis eram naturais de Florianópolis, o que reforçou o cenário descrito por Nali e confirmou os dados coletados sobre o bairro. Outro foi a resposta de que muitos consideravam a merenda da escola como a característica especial da instituição, Nali logo reforçou que a recorrência das respostas se dava em parte pela turma ser do ensino integral, portanto passavam manhã e tarde na escola e se alimentavam na instituição.

Com isso as crianças foram para o intervalo de 15 minutos e preparamos a próxima dinâmica, que envolvia colar adesivos em um mapa-múndi indicando onde cada estudante nasceu, com algumas crianças marcando o que sabiam sobre outros colegas da escola mesmo que fossem de outras turmas.

Figura 3 – Mapa-múndi destacado durante dinâmica proposta.



Fonte: JAC

No retorno do intervalo fiz uma apresentação sobre os dados do Censo Demográfico de 2010 do IBGE citado anteriormente neste documento. Os dados foram selecionados e organizados para serem visualmente compreensíveis e chamando atenção para o como o bairro dos Ingleses do Rio Vermelho se destacava na cidade (Apêndice C). A proposta da apresentação era mostrar uma possível etapa de apuração de um processo jornalístico, partindo da observação de um fenômeno (como fizemos com o mapa e as apresentações) para uma comprovação através de dados.

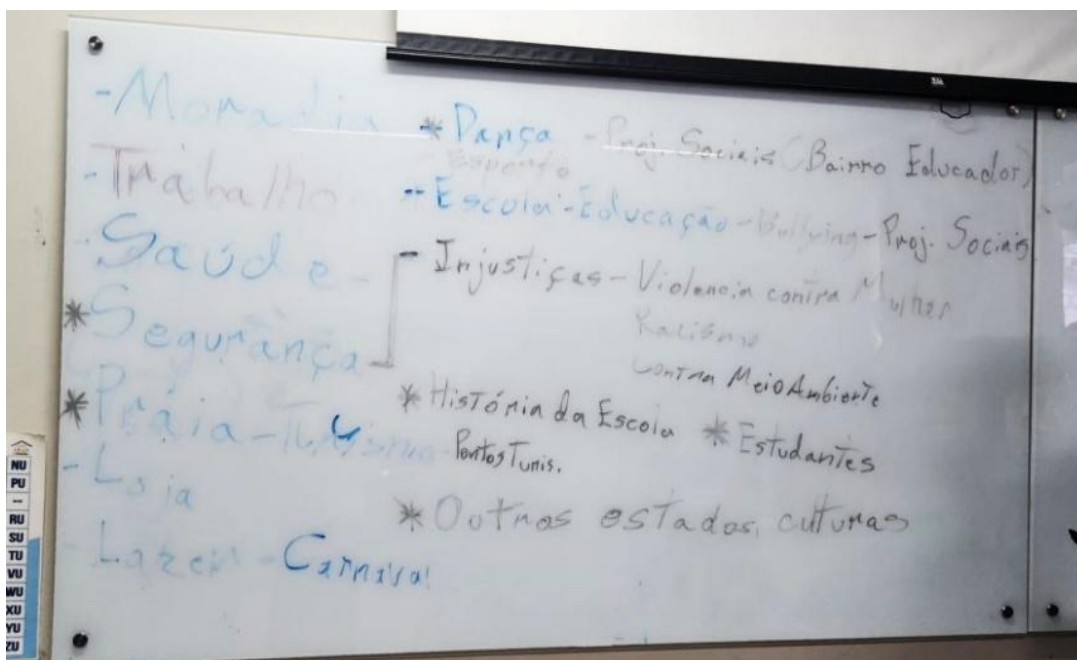
Após isso, realizamos uma breve conversa sobre jornalismo em mídia física, perguntando se as famílias consumiam revistas ou jornais impressos. Separamos alguns exemplos para levar à turma, com manuais, panfletos e algumas edições do Jornal Zero, produzido enquanto disciplina curricular obrigatória dentro do curso.

A última dinâmica foi desenvolver as propostas de pauta para os textos da revista e realizar a divisão dos grupos. Iniciando a discussão sobre o tema, questionamos sobre o quê as crianças gostariam de falar sobre a escola e sobre o

bairro. Em dado momento, falando sobre tratar da diversidade cultural da comunidade, uma estudante intervém e diz “Vamos falar sobre o Pará? Mas vamos falar coisa boa então, porque nunca fala. Aí, quando vai falar, fala coisa ruim! Não dá!”. O comentário saltou à nossa atenção no mesmo momento, sendo discutido durante o retorno à UFSC. Consideramos uma percepção muito apurada sobre o trabalho do Jornalismo em criar representações sobre pessoas e lugares, algo que por vezes ocasiona na perpetuação de preconceitos e estruturas de poder (Veiga, da Silveira Fonseca, 2011).

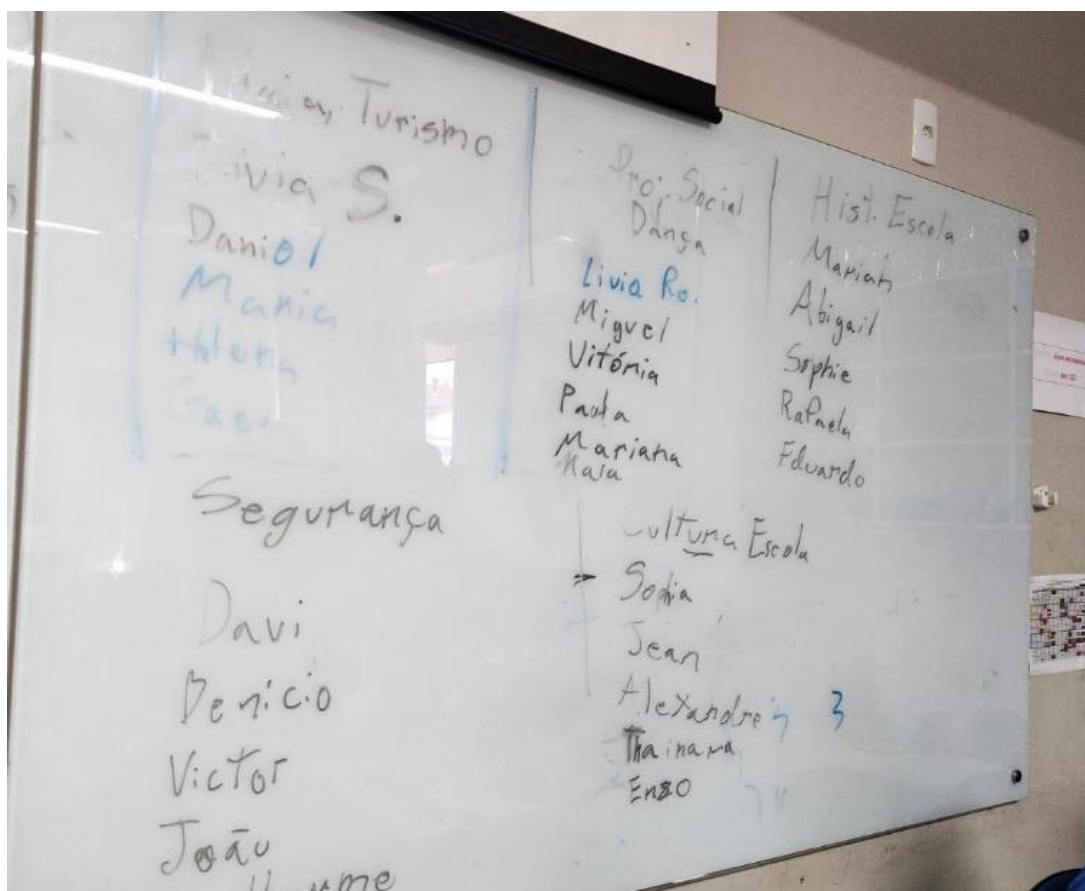
Nisso propusemos perguntas sobre coisas como “o quê tem de especial nos Ingleses”, “o quê fez seus pais virem para cá?”, “o quê vocês gostariam de falar sobre o bairro e sobre a escola?”. As propostas eram anotadas no quadro, depois sendo interligadas em grandes temas para termos um espaço mais amplo para a abordagem de cada um dos assuntos.

Figura 4 – Foto do processo de escolha e discussão das pautas



Fonte: JAC

Figura 5 – Divisão dos grupos feita durante o primeiro encontro



Fonte: JAC

Os temas ou pautas com quais decidimos seguir foram então: História da escola (5 estudantes); cultura das famílias da escola (5); lazer/turismo (5); projetos sociais do bairro (6 estudantes, com interesse em especial para o projeto de dança); e segurança, combinando as temáticas sobre injustiças (5). Os grupos foram definidos a partir do interesse de cada estudante de trabalhar com o tema.

3.2 2º ENCONTRO – OFICINA DE ENTREVISTA

Oficineiras: Gabriel Elias, Júlia Cataneo, Luana Gregório e Nathália Dias.

Como esse encontro foi realizado durante a parada pedagógica do Curso de Jornalismo, as professoras Melina e Isabel não puderam estar presentes. Para chegar à escola organizamos uma saída do *campus* universitário pedindo um motorista da plataforma *Uber*.

A proposta dessa semana era centrada em ensinar como realizar entrevistas, considerando essa a mais acessível ferramenta de apuração para o público com qual

trabalhamos, outra sendo a apuração documental, que também foi explorada em menor escala em outro momento (Lage, 2001). No entanto, antes de iniciarmos essa etapa, apresentamos vídeos que não tivemos tempo de apresentar no encontro anterior. Eram seleções de entrevistas realizadas na escola com a outra turma e estudantes da disciplina de Jornalismo Comunitário. Em uma das escolhas decidi incluir a entrevista feita por estudantes que agora estavam nessa turma, que logo se reconheceram e passaram a compartilhar as experiências com os colegas.

Em seguida apresentamos o vídeo elaborado no contexto da disciplina de Jornalismo Comunitário por uma estudante formada no curso, Evelyse Porto Ferraz. O vídeo curto aborda em linguagem simples e dinâmica os princípios de uma entrevista jornalística⁴.

Passamos então a uma conversa para debater o quê entenderam dos vídeos e seguimos para elaborar um roteiro de entrevista com uma das cozinheiras da escola, a Dulcinéia ou Dulce, como informou que gostava de ser chamada. A ideia de entrevistá-la surgiu após as respostas das apresentações no encontro anterior, onde muitas crianças afirmaram gostar da comida da escola.

Ao chegar na sala, reparamos no impacto da greve iminente. A sala tinha praticamente metade da turma presente (17 estudantes) já em reação ao estado de greve declarado pelo Sintrasep na semana anterior.

Anotamos as perguntas no quadro, conforme as crianças sugeriam. Elas passavam por informações básicas, como nome e idade, além de por experiência profissional e questões de vida pessoal, como sobre sua família. O roteiro de entrevista foi dividido de forma que cada criança pudesse fazer uma pergunta, apenas duas delas escolheram não participar por aparente timidez: uma delas não dominava o idioma e outra era recém chegada na turma.

Assim que a Dulce chegou, organizamos a gravação por um celular e um par de microfones de lapela, um preso à entrevistada e outro que passava de mão em mão pelas(os) entrevistadoras(es). A dinâmica seguiu bem, engajando a turma e rendendo perguntas espontâneas. No final, que infelizmente fomos obrigados a interromper após algum tempo, considerando que já estávamos em nosso horário de saída.

⁴ O vídeo pode ser acessado em: <https://www.youtube.com/watch?v=3SSUqejeCL4&t=114s>.

Figura 6 – Registro da oficina de entrevista com a cozinheira da escola.



Fonte: JAC

Figura 7 – Registro da oficina de entrevista com a cozinheira da escola.



Fonte: JAC

Ao final do encontro, a professora Nali falou sobre a greve, que seria deflagrada no dia seguinte. Algumas crianças reagiram ao comentário da professora negativamente, dizendo que não queriam perder a aula dela.

3.3 3º ENCONTRO – RECAPITULAÇÃO DOS ENCONTROS E ROTEIRIZAÇÃO DE ENTREVISTAS

Oficineiras: Gabriel Elias, Isabel Colucci, Maria Júlia Barbosa, Nathália Dias, Vitória Vasconcellos.

Este novo encontro aconteceu após um intervalo de três semanas do anterior, em razão da greve de servidores públicos municipais de Florianópolis. Aqui tivemos que fazer as maiores adaptações no cronograma dos encontros, escolhendo pontos para focarmos e conseguirmos elaborar a proposta sem ultrapassar demais o prazo estabelecido.

Me mantive em contato com a professora Nali durante esse período, procurando qual seria o melhor momento para um retorno. O dia 13/05 foi a opção que encontramos, uma vez que Nali já havia retornado da paralisação, mas o cenário de greve se agravava com o movimento de retaliação da gestão de Topázio Neto, prefeito de Florianópolis e membro do Partido Podemos (PODE), em demitir cerca de 150 profissionais de contrato temporário (Borges, Venâncio, 2026).

Em uma reunião que tive com a professora Isabel discutimos como o assunto da greve era impossível de ser ignorado na produção que estávamos elaborando, considerando que esta afetou diretamente nossos planejamentos. Fora isso, o inusitado da proporção que o evento tomava e sua atualidade apontava inegáveis critérios de noticiabilidade.

A noção de noticiabilidade surge associada à de valor-notícia, indicativo que define quais assuntos serão considerados mais atrativos em certo acontecimento para torna-lo mudança. Em um levantamento dos diversos critérios empregados por alguns autores que tratam do tema, Gislene Silva (2022) aponta como exemplos de grandes temas que servem de valor notícia: conflito, conhecimento, impacto, proeminência, raridade, surpresa, tragédia e governo.

Portanto foi definido como meta para o novo encontro uma recapitulação do que já tinha sido produzido, reintroduzir a discussão dos temas definidos e observar

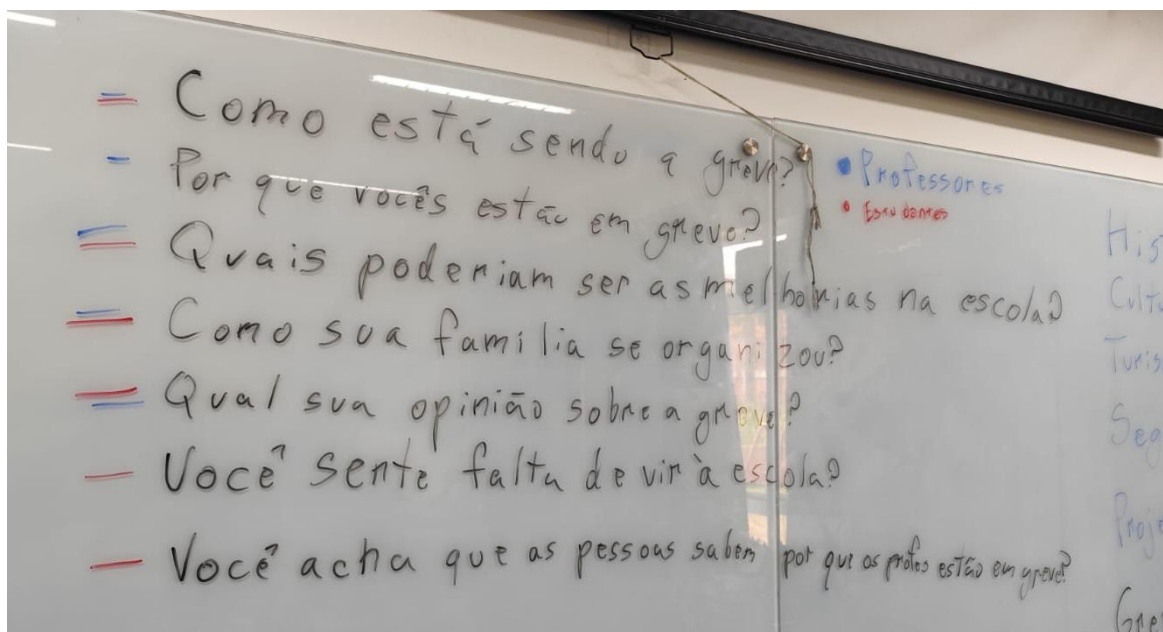
os impactos da greve na turma, assim como questionar se esse era um tema que desejavam abordar na revista.

Assim, o primeiro momento de nosso encontro foi uma conversa protagonizada pela professora Isabel com a turma, retomando nossa parceria, o projeto de desenvolver a revista, os temas que havíamos definido, o encontro passado, onde realizamos a oficina de entrevista e, por fim, o questionamento sobre a abordagem da greve na revista. As reações de início foram tímidas, mas as crianças demonstravam curiosidade sobre o assunto. Com o surgimento de comentários que podiam ser encaminhados para perguntas, retomamos também a ideia do roteiro de entrevistas e passamos a escrever as ideias de perguntas que iam surgindo.

Pensando na proposta de entrevistar estudantes e profissionais da escola, dividimos as perguntas de forma que algumas fossem feitas para um grupo, outras para outro, algumas para os dois. Questionamos a professora Nali se as entrevistas poderiam ser realizadas em outro momento, fora de aula, e ela respondeu que poderia ser utilizada uma aula da professora regente da turma, sendo esta àquela que ministra a maioria das disciplinas e torna-se responsável pela turma. Isso justifica o motivo da atividade não-presencial que consta no cronograma das atividades e foi realizado em uma segunda-feira.

Um fenômeno observado na oficina anterior e que se tornou mais perceptível nessa dinâmica e na seguinte foi a tendência de, ao elaborarmos o roteiro de entrevista, sempre que proposta uma pergunta, as crianças buscavam respondê-la a partir da opinião, experiência ou conhecimento próprio. O ocorrido se demonstrou algo próprio do trabalho com o público infantil que tende a pensar e viver no tempo presente, parecendo um desafio propor elaborar um planejamento para algo futuro, baseado em uma prática com a qual não tem tanta familiaridade. Como resultado, tivemos que algumas vezes lembrar e retomar que estas eram perguntas que faríamos a outras pessoas, portanto que deveríamos incluir o que nos levaria a resposta sobre coisas que gostaríamos de saber sobre o assunto.

Figura 8 – Registro do roteiro de entrevistas sobre a greve desenvolvido durante o encontro.



Fonte: JAC

Com o roteiro de entrevistas sobre a greve elaborado, passamos para retomar o trabalho nos grupos de cada pauta, nisso nos dividimos assumindo cada oficinaira um grupo. A ideia era retomarmos os assuntos e elaborarmos um roteiro de entrevistas sobre cada assunto com diferentes pessoas em mente.

O grupo que acompanhei foi o que pretendia discutir injustiças e insegurança, sendo este o único grupo composto apenas por meninos. A maior dificuldade que tive para desenvolver o tema dentro do grupo foi sobre o tópico para além de experiências próprias; os alunos citavam experiências como jogarem “coquinhos” neles, jogarem pedras no portão da casa, crianças mais velhas aparecerem para brigar, mas mesmo com instigações como “e vocês acham que tem outros colegas que passam por algo parecido?” ou “e com quem vocês acham que podemos falar sobre?” a resposta mais recorrente era “não sei” e então retornavam ao assunto. Mesmo tentando engajar o grupo a produzir perguntas através das experiências que contavam, ainda foi difícil avançarmos no roteiro.

Uma discussão da professora Nali com alunos pertencentes ao grupo no início da dinâmica, com a chegada do intervalo, podem indicar que em outro momento houve um desentendimento entre colegas e/ou com a professora regente, o que pode explicar a dispersão na atenção deles.

O tema sobre a “cultura das famílias” foi acompanhado pela Maria Júlia, que relatou dificuldades para explicar o quê o conceito de cultura englobaria para seu grupo. A estratégia adotada pela estudante foi tomar exemplos práticos de manifestações culturais e utilizar estes para propor perguntas: culinária, práticas culturais, idioma e local de origem foram alguns dos exemplos utilizados.

Apesar da dificuldade, a estudante disse que o grupo conseguiu elaborar perguntas a partir das provocações feitas e, mesmo, quando respondiam as perguntas por si, ela os lembrava que estariam fazendo elas para outras pessoas, então as crianças anotavam. Maria Júlia também descreveu que seu grupo tinha alguns estudantes bastante participativos e animados com a proposta, enquanto outros tinham mais dificuldade de compreender e/ou timidez para se expressar.

A Vitória ficou responsável pelo grupo do tema “lazer e turismo”, que contava com apenas três crianças nesse encontro, todas de fora de Florianópolis. A graduanda disse que precisou encaminhar algumas perguntas, mas que não teve tanta dificuldade de dialogar com o grupo, inclusive que os estudantes tiveram uma boa interação. Quando citado sobre o lazer enquanto direito, uma provocação feita pela professora Isabel durante uma passagem nos grupos, as crianças logo questionaram o fato de nem todas as pessoas terem acesso a ele.

Segundo Nathália, o tema sobre a história da escola foi abordado com mais facilidade, por ser algo com o qual os estudantes já tinham alguma familiaridade. As perguntas e dúvidas surgiam sem necessidade de muita provocação; questões sobre como funcionava a homenagem do nome à escola e qual era o estudante mais velho de lá.

Houve uma dispersão do grupo após algum tempo de atividade, mas Nathália disse que, sempre que chamada a atenção de alguém que parecia distraído com o pedido de elaborar uma pergunta, a criança conseguia desenvolver sem precisar de maiores direcionamentos.

A professora Isabel assumiu a pauta que pretendia falar dos projetos sociais do bairro. Segundo ela, o início da proposta começou com alguma dificuldade para desenvolver o tema, mas a partir de questionamentos sobre o quê as três alunas gostariam de falar, elas partiram de experiências próprias, de sua participação no projeto de dança, e com isso a professora conseguiu dialogar sobre o assunto até o ponto em que passaram a conseguir discutir “vocês sabem quem mais da escola faz

outros projetos?”, onde as crianças passaram a citar colegas que praticavam diferentes atividades.

O roteiro de entrevista resultou em perguntas que foram feitas pela professora como provocação e outras desenvolvidas pelas próprias estudantes por conta própria. Ela também conseguiu estimular as alunas a direcionarem a quais pessoas deveriam ser feitas cada pergunta, separando entre estudantes e professores dos projetos.

Colhi os relatos da equipe logo após a realização do encontro, no trajeto de volta para a UFSC, como se prosseguiu ao longo dos próximos dois seguintes.

3.4 4º ENCONTRO – APURAÇÃO NA ESCOLA

Oficineiras: Gabriel Elias, Isabel Colucci, Júlia Cataneo, Maria Júlia Barbosa e Melina Ayres.

Chegamos neste encontro tendo como principal objetivo realizar as entrevistas para cada pauta. No entanto, abordamos antes o retorno das entrevistas sobre a greve, realizadas na terça-feira (19/05). Foram ao todo nove entrevistas: seis com colegas estudantes e três com profissionais da escola, duas professoras e uma supervisora.

Nali nos informou que as entrevistas foram bem e as crianças estavam animadas principalmente em entrevistar as professoras, enquanto com colegas a maioria ficava tímida. O conteúdo foi interessante para ser abordado na revista, alguns estudantes deram respostas bastante simples para as perguntas, mas também o roteiro que elaboramos continha uma boa variedade de perguntas para serem selecionadas para a edição.

Retomamos os grupos para ter uma conversa breve antes de partir para a entrevista. A professora Nali já havia avisado na escola que a turma estaria realizando a atividade e por isso poderia aparecer em outras salas para pedir colegas para entrevista.

Trabalhei novamente com o grupo da segurança, antes da saída revisamos algumas perguntas e concentrar a atenção do grupo foi novamente um desafio. Partimos da sala com poucas perguntas, mas considerei que seria mais importante para o processo que trabalhassem a prática do quê estendesse um processo no qual os alunos pareciam não ter o interesse em desenvolver mais.

Como uma de nossas entrevistas coincidiu com o grupo da história da escola, partimos antes para entrevistar a professora que estava trabalhando na portaria da escola. As perguntas eram direcionadas sobretudo a o quê a profissional poderia fazer em casos de insegurança na escola e o quê os estudantes poderiam fazer para preveni-los. Os estudantes se mostraram tímidos nas perguntas, constantemente delegando um ao outro a função de entrevistador. Diferente das demais colegas, eu mesmo anotei as respostas da entrevista, considerando que isso removeria distrações que poderiam ter e facilitaria o registro.

Entrevistamos uma colega de turma que deu respostas de pouco valor para uma entrevista: “não sei”, “às vezes”, “acho ruim”. Então entrevistamos a supervisora, que deu respostas bastante institucionais sobre o assunto, em questão ao papel da escola, o que considerei interessante para o processo e para os estudantes.

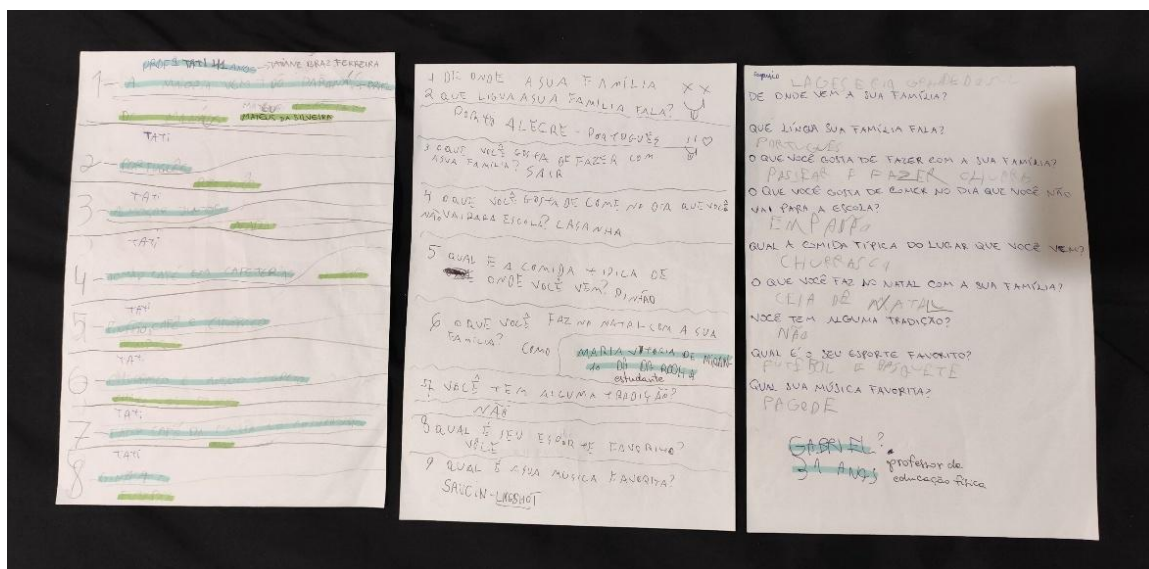
Por fim aconteceu de uma viatura da guarda municipal parar em frente à escola para atender um chamado de comportamento suspeito de um homem. As crianças correram para o portão com a notícia, animados com a ideia de entrevistar “um policial”. Conversei com os dois agentes presentes e a guarda presente aceitou responder uma pergunta. Mesmo com o ânimo anterior sendo substituído novamente por timidez, fiquei positivamente surpreso em elaborarem uma pergunta, mesmo que simples para fazer no momento. A resposta da profissional foi também institucional, mas muito adequada para o público infantil, considerando a realidade escolar e citando as palestras realizadas nas escolas por membros da força de segurança e atividades que abordam a temática do *bullying*. Todos voltaram satisfeitos para a sala considerando o momento uma conquista.

Ao final de todas as entrevistas tive que fazer a pergunta “não estão esquecendo de perguntar nada?” para conferir se lembravam de perguntar nome e cargo de cada entrevistada. Pode ter sido por uma questão de familiaridade com as pessoas e pela guarda ter o nome na farda que não consideraram fazer as perguntas, mas ainda assim achei importante enfatizar a necessidade, visto que é importante ressaltar qual é a posição e a identidade de quem entrevistada(o).

A Maria Júlia assumiu novamente o grupo de cultura das famílias, com o qual ressaltou o ânimo das crianças para realizar as entrevistas, tendo como ponto negativo a dispersão delas ao final. Entretanto, foi o grupo que conseguiu o maior número de entrevistados. Mesmo que as repostas não tenham sido muito utilizadas

para a elaboração do texto final, se considera o valor educativo do exercício de entrevistas.

Figura 9 – Anotações da pauta Cultura das Famílias.



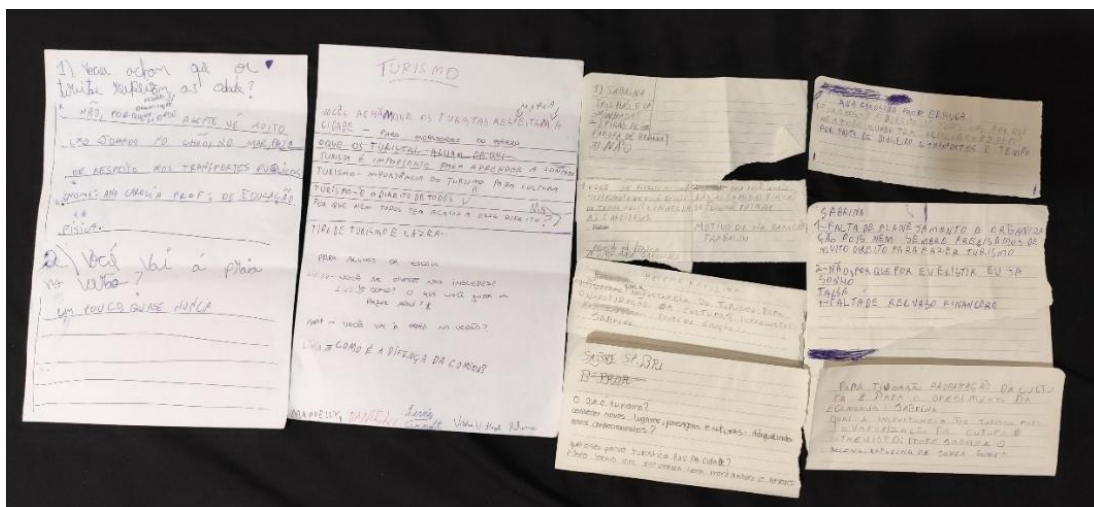
Fonte: Autor

A graduanda narrou que teve algumas dificuldades em fazer com que o ânimo dos estudantes não gerasse perturbações na escola, como de uma dupla de alunos que entraram em uma sala de aula, para chamar um amigo que gostariam de entrevistar, assim interrompendo as aulas.

Nesta semana, o apoio às crianças na pauta sobre lazer e turismo foi assumido pela Júlia Cataneo. Segundo ela, a primeira ação tomada foi adaptar algumas das perguntas propostas para tornarem-se mais próximas da realidade delas, e não tão abstratas. Com isso partiram para as entrevistas, nas quais também registrou muito ânimo, especialmente na vez de entrevistarem a professora de Educação Física, com a qual os estudantes tinham muita simpatia.

O maior desafio narrado foi o registro. Segundo a bolsista do projeto de extensão, duas crianças tinham mais dificuldade com a escrita e precisavam da ajuda dela para soletrar as palavras. O processo mais lento dispersava a atenção das colegas, que cansavam de esperar sua vez para fazerem as perguntas.

Figura 10 – Anotações da pauta Lazer e Turismo



Fonte: Autor

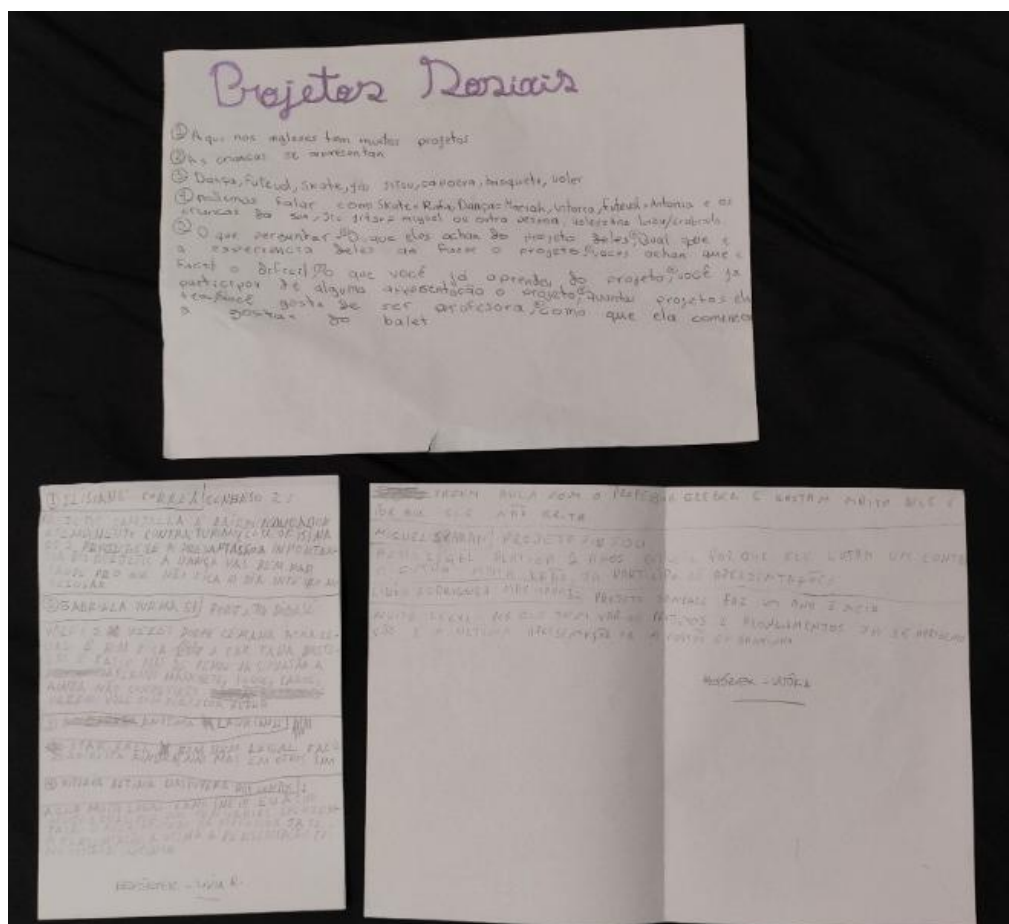
Nesse encontro, a professora Isabel assumiu o apoio à pauta sobre a história da escola, onde relatou não ter grandes dificuldades, exceto pela organização do trabalho. De início, os estudantes queriam entrevistar somente colegas de outras turmas, com quem queriam se encontrar, deixando como segunda prioridade a entrevista com a supervisora e a diretora da escola, que de fato conheciam a história da instituição. Isabel então disse “vamos primeiro fazer essas, que precisamos garantir e depois vamos pras turmas”, convencendo as crianças.

Ela descreveu um problema semelhante no registro, porque uma estudante em particular anotava devagar e com muito cuidado as respostas, deixando o resto do grupo impaciente. Apesar disso, resultados positivos foram a percepção de, através da entrevista com a supervisora, descobrir quem era o estudante mais antigo da escola e buscá-lo para entrevistar, mesmo com um roteiro de improviso.

Fonte: Autor

Em dois momentos entrevistaram uma dupla de colegas ao mesmo tempo, onde as perguntas eram feitas uma única vez e cada uma anotava a resposta de uma das crianças entrevistadas. Em outro momento entrevistaram uma a outra, sendo que as duas participavam do projeto de dança Sambalé e entrevistaram uma professora, essa com as duas anotando as repostas.

Figura 12 – Anotações da pauta Projetos Sociais



Fonte: Autor

Melina destacou o zelo de ambas pelo local onde escolhiam realizar as entrevistas, sempre guiando as pessoas entrevistadas para eles e também variando a cada uma realizada.

Pelo final do encontro juntamos as anotações e fiquei responsável por transcrevê-las em documento para ser consultado no encontro seguinte (Apêndice D). Também foi recomendado pela professora Isabel chegarmos neste dia com as páginas da revista já pré-diagramadas, de forma que conseguíssemos focar na escrita do conteúdo e, especialmente, que isso servisse para materializar a proposta de elaborar uma revista, dando às crianças algo mais palpável do que estavam desenvolvendo.

3.5 5º ENCONTRO - FINALIZAÇÃO DOS TEXTOS E TRABALHO NA PÁGINA

Oficineiras: Gabriel Elias, Isabel Colucci, Melina Ayres, Natália Dias e Vitória Vasconcellos.

Tivemos um intervalo de duas semanas entre um encontro e outro, isso se deu em razão de uma reunião de professores da escola agendada para quando seria o encontro final, sendo a pauta o retorno da greve e a organização para compensar os dias de paralização. Nesse tempo me dediquei à organização das entrevistas e pré-diagramação das páginas da revista.

Levei em consideração no projeto o uso do branco e de cores vivas e saturadas, usando estas para marcar cada assunto tratado. Como de início tínhamos a ideia de impressão do material, pensamos na proposta de uma revista com oito páginas; sendo duas destas para capa e contracapa e uma de expediente, restavam cinco páginas para encaixar as seis pautas restantes. Para evitar que nenhuma equipe ficasse com muito espaço a mais que as outras na edição e isso pudesse ser enxergado como uma injustiça ou favoritismo pelas crianças, decidi por escolher um dos assuntos para ser continuado ao longo das páginas, no rodapé da revista, com uma caixa colorida marcando a divisão do tópico discutido acima. A decisão de qual assunto escolher levou em consideração qual faria sentido ser o priorizado para a apresentação a tanto o público externo, como interno da comunidade escolar, portanto segui com a história da escola, que também contava com entrevistas de tópicos mais fragmentados que poderiam ser organizados em uma divisão de páginas. Durante a elaboração do modelo, também deixei as páginas configuradas já com uma proposta de local para imagens e abordagem para o conteúdo elaborado, como a pauta de projetos sociais que deixei espaço para uma introdução do assunto, seguido de três divisões que marcavam cada projeto e, nas colunas da direita, um espaço para a entrevista com a professora do projeto Sambalé.

O modelo foi elaborado na plataforma *Canva*, na qual Nali disse que os estudantes já tinham manipulado anteriormente e alguns já tinham domínio. A escolha de compartilhar um mesmo arquivo para a edição simultânea de toda turma, no entanto, tornou-se um desafio. Optou-se também por deixar a elaboração da capa e do nome da revista com a turma, para que pudessem definir coletivamente a identidade da produção.

Chegando no encontro tive uma apresentação rápida, mostrando como estava a revista, então já partimos para a divisão dos grupos para o trabalho nos computadores. Esta foi a primeira vez desde o primeiro encontro que tivemos a turma cheia, até então trabalhávamos com um quórum reduzido em função da greve.

Tivemos dificuldades no compartilhamento do *link* editável para cada grupo, sendo que não adiantei o envio para a professora Nali e muitos estudantes esqueceram de como logar em seu usuário de estudante da rede pública de ensino de Florianópolis. Isso acabou nos consumindo algum tempo do encontro, mas, assim que resolvido, iniciamos a produção.

Nesse dia o grupo que trabalhei se encontrava novamente muito agitado e disperso. Dividiram-se em dois computadores, em uma dupla e um trio para trabalhar na página. A dupla conseguia trabalhar com maior facilidade em equipe e depois de um tempo de explicação pegaram a proposta e conseguiram iniciar o texto conectando a proposta com elementos da entrevista. Ao selecionarem um trecho de uma entrevista para inserir no texto, ensinei a eles como indicar no texto uma citação, mostrando que o texto se referia a algo dito por outra pessoa e não por eles, ao que pareceram conseguir compreender com alguma facilidade.

O trio se encontrava mais disperso e ansioso em terminar a atividade para poder jogar nos computadores, algo que tive que repetidas vezes abordar de forma que não soasse autoritária dizendo que poderiam, assim que terminassem a proposta. Então o estudante que estava com maior controle do computador colava trechos da entrevista e escrevia frases soltas perguntando se com aquilo feito, já poderia jogar.

Em dado momento, alguém arrastou a caixa de texto que ele havia escrito para fora da página, fazendo que perdesse o texto escrito. Sem saber quem havia feito isso, não tivemos como recuperar e o ocorrido pareceu desanimar ainda mais o trio de continuar a proposta. O uso conjunto da página voltava a causar problemas sempre que alguém movia um elemento sobre a página de outro grupo, gerando reclamações. Isso constantemente acontecia com o grupo que escrevia sobre a história da escola, dividindo páginas com vários grupos.

Além de atender meu grupo, como habitual, também tentei manter uma passagem constante entre os demais, buscando ter certeza que todos estavam conseguindo interagir com os recursos, incluindo a pasta da plataforma *Google Drive* onde salvei as entrevistas transcritas, as fotos que tínhamos divididas por pautas e uma pasta para criarem arquivos de texto, caso desejassem.

A Vitória ficou responsável pelo grupo do tema “lazer e turismo”, tema no qual tinha tido maior dificuldade em pré-estabelecer uma proposta de texto com base nas entrevistas que tínhamos. Segundo a estudante, tinham alguns estudantes muito participativos, com os quais precisou trabalhar alternando tarefas para que todos sentissem ter participação no processo. Tentando elaborar o texto de forma que mostrasse como as crianças se divertiam no bairro, Vitória fez perguntas sobre a família: quando trabalhavam, o tempo que tinham livre, etc. Com isso teve o retorno de que para a maioria das crianças os pais trabalhavam e deixavam momentos de lazer em família para os finais de semana.

A graduanda também descreveu alguma dificuldade por parte das crianças para elaborar o texto, sentindo que precisou ter mais participação para ajudá-las nisso. Também destacou o comentário de um aluno em particular, que foi o primeiro a mencionar a escola como um local de lazer, onde tinham acesso ao campo de futebol e tempo para jogar com colegas. O grupo também teve uma parte do texto apagada por outros usuários do projeto no *Canva* ao final da aula e Vitória relatou tentar reescrever de última hora com as crianças.

Nathália assumiu o grupo que escreveria sobre a história da escola. A primeira coisa que ela destacou do processo foi a divisão do grupo de cinco crianças em dois grupos com maior entrosamento, um de três integrantes, mais disperso nas atividades, e uma dupla mais focada em avançar na proposta. Se destaca na dupla a presença de duas estudantes naturais de outros países sul-americanos, onde uma não dominava tão bem o português, mas era auxiliada pela colega que por vezes servia de intérprete.

Apesar disso, a jornalista descreveu que conseguiu participação dos dois subgrupos, por mais que desenvolvendo partes diferentes da proposta e que notou uma boa percepção por parte do coletivo para coisas como reparar que não tinham foto da diretora que era citada nas perguntas, providenciando isso de última hora para ser incluído. Também questionando a fala da supervisora sobre ter entrado na escola no ano de 2020 ao descobrirem que a escola foi inaugurada em 2021, sendo a explicação que encontraram de que as contratações precederam a abertura.

Nathália disse que dedicou parte de seu acompanhamento para explicar questões de gramática como uso de letras maiúsculas, pontuação e acentuação, algo que eu e Vitória desconsideramos, contando que isso seria trabalhado mais adiante

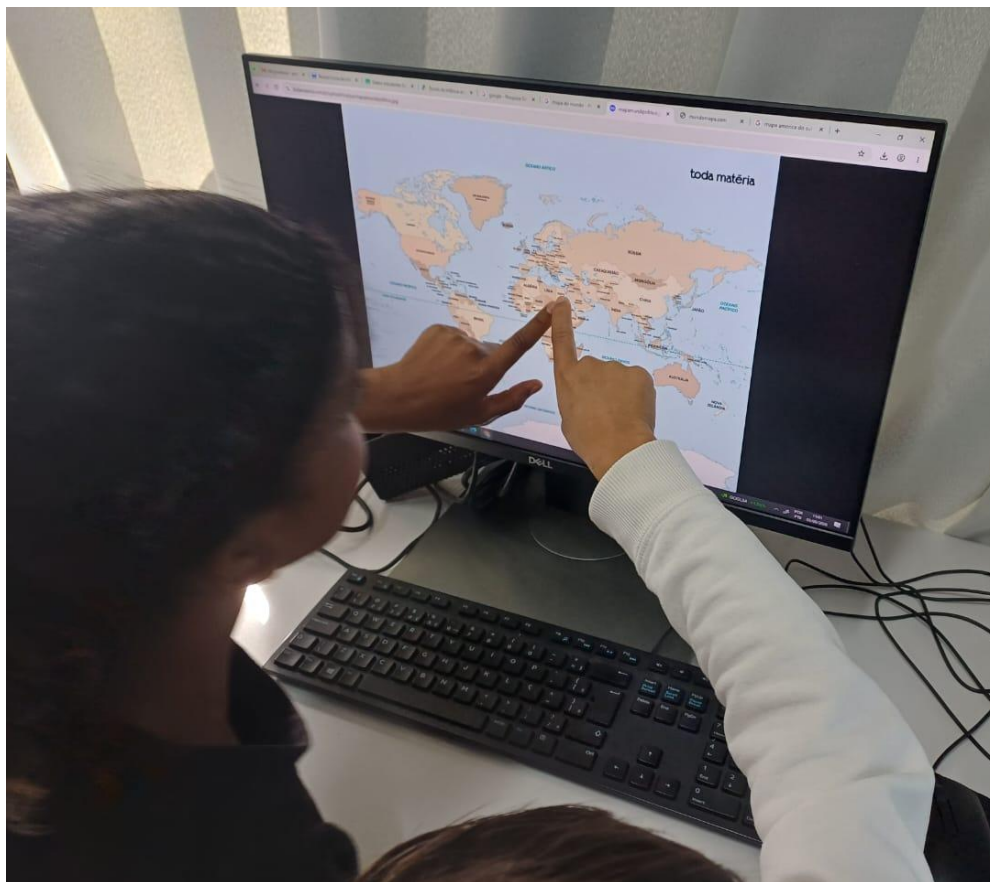
na educação das crianças e que, para nosso propósito, o texto se mostrava compreensível.

A professora Isabel finalizou o processo com o grupo de “cultura das famílias”, citando o desafio de se trabalhar um tópico abstrato como esse com as crianças. Vale citar aqui que essa era uma das pautas mais bem definidas dentro da pré-diagramação, quando considerei o desafio que seria executar o texto. A página continha um modelo de infográfico destacando regiões do Brasil e países sul-americanos e outro com um mapa-múndi, para destacar pessoas naturais de demais regiões do globo.

Isabel comentou como as respostas coletas nas entrevistas não necessariamente dialogavam com a proposta pretendida pela professora Nali, de trabalhar a interculturalidade da escola, sendo muitas delas sobre tradições de almoços e sair para passear com família. Portanto ela focou em iniciar o trabalho utilizando os dados disponibilizados sobre a origem dos estudantes da escola e inserindo estes nos infográficos.

Como a divisão dos dados tinha sido feita por estado (mais a separação de Florianópolis e o resto de Santa Catarina), a professora exercitou no processo o conhecimento sobre as regiões brasileiras, onde as crianças passaram a somar os números de todos os estados das regiões Sul, Nordeste, Sudeste, etc... para então inserir no infográfico. Ela relatou que o processo com o mapa-múndi também foi muito interessante ao incentivar as crianças a localizarem países como Irã, Egito e Cuba no mapa para então incluírem os pontos que marcam cada localização.

Figura 13 – Registro de estudantes durante a elaboração do infográfico



Fonte: JAC

Concluído isso, Isabel passou a instigar as crianças com observações e perguntas para incitar a elaboração do texto. Conforme elas faziam comentários sobre o que achavam interessante, a professora questionava se gostariam de colocar a informação no texto. Ao total foram escritos três parágrafos de texto, cada um por uma criança diferente, conforme foi o intuito da Isabel, passando também pela estudante que tinha maior dificuldade na alfabetização, que escreveu uma frase com as palavras sendo ditadas para ela. Ao final do encontro, a professora também apontou para o fato de terem uma estudante colombiana no mapa, que era a mesma que pertencia à turma, e perguntou novamente se as crianças não gostariam de escrever sobre ter uma colega de outra cultura, logo isso foi adicionado ao texto junto com uma foto das três estudantes estrangeiras da turma.

Finalmente, a professora Melina assumiu novamente a pauta dos projetos sociais, que foi a página que mais necessitou de uma pós-edição no sentido de fazer cortes e reajustar o conteúdo, pois foi o grupo que mais produziu em volume de texto, inclusive necessitando a redução no tamanho da fonte para encaixar no espaço

inicialmente indicado. Cada subgrupo assumiu a descrição de um projeto social e da introdução do texto.

A divisão gerou momentos como das estudantes que faziam parte do grupo Sambalé contarem sobre a própria experiência dentro do projeto e da responsável pelo projeto de Jiu-Jitsu desenvolver uma apuração para descobrir qual era o projeto do qual o colega participava, porque ele não informou em entrevista.

A professora, no entanto, assumiu não ter tido tempo para trabalhar com a entrevista que tínhamos da professora do Sambalé, o que, assim como outras partes, foram realizadas por mim na etapa de pós-produção, descrita a seguir.

3.6 PÓS-PRODUÇÃO E EDIÇÃO DA REVISTA

Assim que encerrados os encontros, fiquei com a responsabilidade de, não apenas registrar o processo neste documento, como finalizar a edição da revista. Considerando que ao final do último encontro com as crianças, o arquivo trabalhado possuía textos fragmentados, conteúdos não utilizados, poucas páginas onde as fotos haviam sido inseridas e praticamente a página inteira da entrevista da greve para ser editada, uma etapa de pós-produção para a edição do material se fazia necessária.

Foi também na semana do dia 10 de junho que tive acesso à capa desenvolvida pelas crianças, junto de uma foto que a professora Nali disse que gostaria de ver no trabalho. Esta mostra duas estudantes de costas, uma vestindo a camisa da seleção brasileira de futebol com o número 10 e o nome “Neymar Jr.” inscrito e a outra usando a camisa ad seleção argentina de futebol com o mesmo número e o nome “Maradona” gravado.

Apliquei em ambos os materiais a mesma proposta de edição, buscando evitar alterar o sentido original do conteúdo, mas fazendo adições ao texto de forma a conectar estruturas por vezes desconexas –, reflexo não apenas do grau de alfabetização das crianças e sua familiaridade com a comunicação por texto, mas também em razão da escrita eventualmente ser fragmentada entre diferentes estudantes – e atribuindo contexto necessário para a compreensão da leitura externa.

As duas páginas que tiveram maior edição foram as dedicadas às pautas de projetos sociais e de segurança, a primeira pelo texto excedente e a segunda pelo pouco texto e desconfiguração da página. Optou-se por manter um tamanho de fonte menor que o do resto das páginas na primeira, reduzindo o corte do conteúdo original

e, ainda assim, poder inserir a entrevista com a professora do Sambalé, projeto que foi grande motivação para a escolha do tema no primeiro encontro. Na página de segurança e em outras em que eventualmente possuía pouco conteúdo em texto, este foi preenchido descrevendo momentos do processo de apuração, assim, mesmo que não contendo as palavras dos estudantes, colocando em evidência sua agência e participação no processo.

O título final para a revista foi inalterado, tendo também sido votado pela turma no mesmo dia da criação da capa: “Farmar Aura” na Escola da Infância. O uso das aspas é explicado na capa ao incluir uma definição otimista da expressão que deriva do anglicismo originado de jogos eletrônicos “farm” (podendo ser traduzido como cultivar, criar ou gerenciar uma fazenda), no sentido de produzir algo em grande escala, e “aura”, utilizada também individualmente para indicar posse de uma virtude que pode ser simbolicamente reparada por outras pessoas e que geralmente é resultado de alguma ação. A expressão é geralmente empregada em contextos cômicos ou satíricos, podendo significar algo como “fazer algo notavelmente excepcional”.

3.7 APRESENTAÇÃO DA REVISTA

Inicialmente não estava planejado incluir o encontro para apresentação do produto final neste documento. O motivo para tal decisão foi resultado exclusivamente do cronograma seguido, pois a data para apresentação do TCC para a banca aconteceu no dia 29 de junho, criando um prazo curto entre o encontro final para elaboração da revista.

No entanto, uma das considerações da banca foi a ausência de um retorno dos estudantes sobre o processo de produção. Já tínhamos previsto um encontro para isso no dia 8 de julho, no entanto o prazo final para a submissão desse documento estava estipulado para até dia 6 de julho. Decidiu-se então ampliar o prazo de submissão para até dia 10 de julho, permitindo uma volta à escola para ter a opinião das crianças sobre o processo.

Precisamos novamente reagendar a apresentação, adiantando-a em um dia, para o dia 7 de julho, data disponibilizada por Nali. Nele participamos somente eu e Isabel, devido a falta de disponibilidade das demaisicineiras durante o período de

avaliações finais na universidade. A ausência das integrantes foi percebida imediatamente pelos estudantes, que pareceram sentir falta de todo grupo.

Fomos à biblioteca da escola, onde, após uma breve contextualização sobre o processo, a aprovação deste trabalho pela banca e suas considerações, passamos para a leitura da revista, que foi projetada em seu formato digital. A escola até então possuía apenas duas cópias da revista pronta, feitas em papel couchê, tipo ideal para o formato de impresso, e pagas por um funcionário da Secretaria de Educação. Os demais exemplares serão impressos posteriormente em papel sulfite, pois a estrutura da escola não possibilita impressões no outro formato.

Antes da leitura do produto, houve um momento de ânimo por parte da turma ao verem seus nomes no expediente. Após serem informadas que a revista seria disponibilizada no repositório da UFSC, aconteceu um novo momento de ânimo, iniciado por uma aluna que teve uma reação teatral de choque e logo foi seguida por uma colega que perguntou “vai ficar lá para sempre?”, o que confirmamos.

A mesma estudante foi uma das que primeiro se candidatou para fazer a leitura das páginas, momento no qual notamos o avanço em sua alfabetização e participação desde que iniciamos o projeto. Por ser nascida em um país vizinho, a estudante não tinha o português como língua materna e geralmente contava com a ajuda de uma colega, também imigrante, para fazer eventuais traduções do português para o espanhol. Além de ler uma página inteira, a aluna ainda estava visivelmente mais comunicativa neste encontro.

Se pode notar um ânimo similar de outros colegas, que demonstravam muito mais afeto que nos encontros anteriores, me chamando para conversar e, ao final do encontro, me cumprimentar e abraçar se despedindo. A evolução na alfabetização de outra estudante também foi comentada por Nali ao final do encontro. A aluna leu sua página lentamente e com dificuldade, mas se esforçou para terminar o processo, algo que a professora disse que refletia a dificuldade da estudante no aprendizado, mas um desejo de mostrar que conseguiria.

Comentando sobre o processo, uma aluna disse estar feliz sobre ver que tudo “deu certo no final”, mas também disse que “não gostou tanto do nome que escolheram”, pois nenhum dos títulos para a publicação que ela sugeriu foi selecionado. A professora Nali disse em tom de piada que apenas aquela estudante sugeriu dez. Entre os nomes não selecionados estavam “A Escola da Infância”, “Jornalismo na Escola da Infância”, “Tá Ligado na Infância”, “Doidices da Escola da

Infância”, “Da Infância Sendo Infância!”, “O Fantástico Mundo da 5ª Série” e “5ª Série da Infância”.

Outra estudante que apresentou um elogio e uma crítica sobre o processo, dizendo que “ficou feliz por ter visto que deu tudo certo”, mas também “fiquei triste, porque apareci pouco”, se referindo às fotos da revista, na qual apareceu apenas uma vez, enquanto outra colega que apareceu quatro. Outro comentário sobre foto veio de uma estudante que disse não gostar da foto sua que foi selecionada para a revista. A professora Isabel tranquilizou a aluna dizendo que era comum se sentir assim naquela idade e futuramente veria que estava bonita na foto.

Também foi dito por uma aluna que gostou de fazer a revista por ter tido pouco contato com aulas de informática, sendo esta a primeira vez que teve na escola. Uma colega também se manifestou dizendo que gostou do trabalho e que “ficou lindo”.

Parte do encontro foi destinado também a saber como o JAC continuaria seu trabalho com a turma no semestre seguinte. Nisso uma estudante manifestou interesse em fazer saídas para outras escolas da região para fazer entrevistas com estudantes e professores delas. Outras crianças disseram que gostariam de trabalhar mais com foto e vídeo. Nisso as professoras Isabel e Nali citaram que seria possível elaborar de um site, que podia reunir todo o conteúdo multimídia elaborado e ficar para uso posterior da instituição. Também foi manifestado o interesse em visitar a UFSC, algo que foi acolhido enquanto possibilidade.

Estavam também presentes durante a apresentação estudantes do Curso de Pedagogia da UFSC, pertencentes ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid). A supervisora da escola disse que era do interesse dela elaborar um projeto com as graduandas que envolvesse todas as turmas da escola. Parte desse processo seria realizado tendo com a revista. Na semana seguinte ao encontro (15/07), as crianças da turma 52 passariam pelos 4º anos da escola realizando uma atividade de leitura do produto. A notícia dos desdobramentos do trabalho do JAC surpreendeu positivamente a mim e a professora Isabel.

3.8 RECURSOS DO TCC

Para o desenvolvimento deste trabalho devem ser considerados os custos de produção, assim como os dos serviços desenvolvidos. Como referência para a uniformização dos valores de serviços de prática jornalística no estado, usaremos

como referência o documento Tabela de *Freelas*, desenvolvido pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina (SJSC).

Todos os valores presentes na Tabela 1 são citados enquanto serviços na Tabela de *Freelas*, exceto o item “Oficinas de Jornalismo Comunitário”, que foi adaptado por mim a partir do custo por hora do serviço de assessoria de imprensa somado a um acréscimo de 30% sobre o valor (R\$ 194,00 + 58,20), considerando o adicional como reflexo do processo de ensinar a fazer um serviço possuir mais complexidade do que realizar ele nós mesmos. A soma total do serviço foi feita considerando a quantidade de pessoas presente no dia do encontro (n_x) e que cada encontro possuía 1h30min de duração, justificando a equação $R\$ 252,00 \times (n_1 \times 1,5 + n_2 \times 1,5 + n_3 \times 1,5 \dots)$.

A edição de texto e diagramação foi contada por página da revista produzida, assim como indicado no documento base, mas a capa não foi somada ao serviço de edição de texto considerando que as alterações necessárias foram mínimas, também não se considerando aplicar o valor total por elaboração de uma capa, visto que o projeto modelo foi elaborado pela turma.

Sobre os valores do custo de produção, foram elaborados diferentes métodos para se alcançar uma estimativa dos custos. O mais simples consiste nos produtos indicados com “NF” na coluna de Valor, indicando que o custo indicado foi retirado diretamente da nota fiscal da compra. Os demais custos foram estipulados através de uma média de diferentes valores.

Para o valor do transporte foram utilizadas a média de dois valores considerando uma saída do Centro de Comunicação e Expressão (CCE) da UFSC até a Escola da Infância pelo no aplicativo *Uber*. A referência usada para consulta foram duas notas fiscais do encontro que fizemos este trajeto pela plataforma, onde o valor foi de R\$ 31,45 para ida e R\$ 37,95 para volta, mais a soma do mesmo trajeto consultada no dia 16 de junho por um horário da manhã próximo aos horários de partida e retorno, então tirada a média. Lembrando que, com a exceção de um encontro, nossas viagens para escola foram realizadas em carona no veículo pessoal da professora Isabel, que comporta até cinco pessoas. Escolheu-se por usar como referência o valor de apenas uma viagem de *Uber* para a escola como simplificação da conta, considerando que tal processo permitiria apenas quatro pessoas por viagem e estivemos em número maior que este em todos encontros com a exceção de um.

O valor unitário do transporte público se refere à ida individual que tive à escola para a coleta de dados sobre estudantes, o valor utiliza o custo integral do uso do cartão de ônibus das linhas Estrela e Consórcio Fênix, considerando o ponto de saída como o local onde moro em São José (SC) e que o múltiplo uso do transporte do Consórcio Fênix sob um mesmo cartão e em um intervalo de tempo de poucas horas gera a integração da passagem (por isso o valor desta linha é contado apenas uma vez, mesmo sendo ida e volta).

Os valores de *laptop* e celular não possuem nota fiscal pois foram comprados informalmente de segunda mão, portanto de início aplicaria um desconto de 20% sobre o preço da média de três ofertas do mesmo produto no site de vendas *Mercado Livre*, no entanto, isso não foi possível de ser realizado com o *laptop*, considerando que o modelo foi descontinuado, portanto todas as ofertas disponíveis *online* já consideravam um aparelho usado ou recondicionado. Assim, foi aplicada somente a média, sem o desconto de 20%, sobre o valor de três ofertas do mesmo modelo. O preço do HD não possui nota, pois comprado junto da instalação após a queima do HD original da máquina, portanto foi usado como referencia o valor do mesmo modelo de peça pela loja virtual de produtos de informática *KaBuM!*.

Tabela 2 – Precificação por Serviço

SERVIÇO	EQUIPE	VALOR	VALOR TOTAL
Oficinas de Jornalismo Comunitário	Total de 9 pessoas (valor total calculado por presença em encontros)	R\$ 252,20 x (6 x 1,5 + 4 x 1,5 + 3 x [5 x 1,5])	R\$ 9.457,50
Diagramação de Revista (por página)	Produção própria	R\$ 194,64 x 8	R\$ 1.557,12
Infográfico (usado em apresentação de dados do IBGE)	Produção própria	R\$ 980,00	R\$ 980,00
Edição de Texto de Revista (por página)	Produção própria	R\$ 175,00 x 7	R\$ 1.220,00
Total			R\$ 13.214,62

Fonte: SJSC e do autor (2026).

Tabela 3 – Precificação por Custo de Produção

MATERIAL	MODELO	VALOR	VALOR TOTAL
<i>Laptop</i>	Lenovo Ideapad 320 15ikb, Modelo 80YH	R\$ 1681,57	R\$ 1681,57
Alteração de Hardware do <i>Laptop</i> (RAM)	Memória RAM 8Gb DDR4, Marca Gamer Rise, Modelo Rise Mode	R\$ 94,99 (NF)	R\$ 94,99
Alteração de Hardware do <i>Laptop</i> (HD)	HD interno SD 240Gb, Marca Kingston, Modelo Sata 3	R\$ 775,99	R\$ 775,99
<i>Mouse</i>	Mouse Dragon War com fio, 2400 DPI	R\$ 17,93 (NF)	R\$ 17,93
Celular	Xiaomi Redmi 13 Note Pro 5G (2ª mão)	R\$ 1579,67 x 0,8	R\$ 1.263,73
Microfone	Microfone de lapela sem fio, marca Maxnova, entrada tipo C	R\$ 59,90 (NF)	R\$ 59,90
Transporte	Trajetos de ida e volta em saídas	R\$ 74,15 x 5	R\$ 370,75
Transporte	Trajetos para escola em transporte público, individual (Estrela, Fênix, Estrela)	R\$ 6,77 + 6,20 + 6,77	R\$ 19,74
Total			R\$ 4.284,60

Fonte: Mercado Livre, KaBuM, Uber, Consórcio Fênix, Viação Metrópolis e do autor (2026).

Com a soma total dos valores de custo de serviço e de produção, totalizariamos R\$ 17.499,22.

4. DIFICULDADES, SOLUÇÕES E APRENDIZADOS

Com tudo que já foi narrado até o momento sobre o processo, pretendo me ater à discussão de seus resultados de forma que permita um olhar mais subjetivo sobre este. Pode soar redundante a quem já considera subjetiva a escrita deste documento em primeira pessoa, visto que o apreço pela divisão entre sujeito e objeto é tão comum ao mundo acadêmico quanto ao jornalístico. Entretanto, não se pode esperar desta

prática a mesma execução de um experimento realizado em ambiente controlado, isso vale para o Jornalismo no geral, mas especialmente o Comunitário, onde o processo de interação com a subjetividade alheia é uma necessidade.

Aqui trabalho destacando a importância desta para o Jornalismo Comunitário, especificamente, mas pode-se afirmar que ela possui necessidade em qualquer prática. Fabiana Moraes, ao narrar as várias argumentações que direcionam a ela e à sua defesa do jornalismo de subjetividade, nos diz:

Um outro temor que frequentemente surge em relação à subjetividade que se afirma e não se esconde é o da relativização do conteúdo jornalístico, o medo de um “vale-tudo” (...). “Mas sem objetividade a gente não faz jornalismo”, escuto constantemente. É verdade. Mas sem subjetividade, também não (Moraes, 2022, p. 96).

Um dos principais desafios que enfrentamos enquanto JAC para a execução desta proposta foi resultado dessa impossibilidade em se produzir Jornalismo Comunitário esperando o controle sobre tudo que ocorre. Tivemos uma greve que, até certo nível, poderia ser prevista, considerando que é comum que ocorra próxima à data-base, mas não com a proporção que o evento tomou, tanto em número de dias, quanto em aderência, tornando impossível prosseguir com o cronograma inicialmente previsto.

Este é um desafio recorrente às ações de Jornalismo Comunitário, quando a realidade material do grupo vulnerabilizado atendido de alguma forma gera impedimentos ou a necessidade de adaptações. Com isso, a sugestão da professora Isabel Colucci de incluir a greve em nosso planejamento não fazia sentido apenas por uma ótica jornalística de valor-notícia, mas também porque representava uma situação que causava impacto imediato na vida daquela comunidade.

Isso considerando não apenas a realidade educacional de, durante semanas, crianças ficarem sem professores para suas aulas, mas como a rotina escolar é integrada na rotina familiar. Pode ser notado pelas entrevistas e também comentários feitos pela professora Nali que uma paralisação na escola implica em diversas adaptações em famílias que comumente não tem com quem manter os estudantes durante o expediente de trabalho, dependem em baixo ou maior grau da alimentação ofertada ou mesmo que tem o ambiente escolar enquanto local de socialização e lazer para seus filhos.

Vejo essas como análises e problematizações comuns ao trabalho de jornalista que podem se considerar não presentes em uma publicação elaborada por crianças ou que as presentes podem, justamente, estar presentes por ação nossa, do JAC, das pessoas adultas que coordenaram a ação. Mas comentários como os que recebemos da estudante que queria falar sobre coisas boas do Pará, do aluno que lembrou de citar a escola como um espaço de lazer, considerando que lá tinham estrutura e companhia para se divertir, ou do ânimo de duas alunas de, ao buscarem se fazer vistas, conseguiram emplacar entre os colegas uma seção inteira para discutir o projeto do qual participam, executando a proposta com muita vontade e também se abrindo para conhecer a experiência de outros(as) colegas, tudo isso aponta para uma agência própria que alcança se torna visível quando considerada essa subjetividade própria da infância.

As crianças não são necessariamente bons parlamentares, mesmo em miniatura, nem dirigentes homunculizados de partidos políticos, ou decisores institucionais em ponto pequeno. São actores sociais políticos competentes, sem deixar de ser crianças (Sarmento, Fernandes, Tomás, 2007, p. 204).

Ao longo desse documento tentei manter e defender a ideia de que nosso trabalho foi uma parceria entre o JAC e a Escola da Infância, considerando que também nos propusemos a encarar o processo enquanto um diálogo. Partia dos acordos dessa parceria oferecermos as ferramentas para permitir que a turma produzisse algo que os representasse e onde se sentissem inseridas(os). Do outro lado também executávamos uma habilidade que vai além da técnica, mas que é igualmente importante para o trabalho de jornalista: enxergar o próximo ou, nas palavras do professor Jorge Ijuim, em sua argumentação a favor da responsabilidade social do jornalista, a habilidade de “ver o mundo” (Ijuim, 2009)

Uma das poucas certezas que tive ao me propor executar esse projeto não foi de que iria entregar um produto nos padrões mais idealizados de “o quê é jornalismo”, mas de que isso seria uma experiência e um aprendizado. O inesperado, de alguma forma, já era esperado. O resultado e o processo deste trabalho passa por experimentação e com isso representa uma liberdade, não de forma inconsequente, como o “tudo-vale” apontado pelos críticos do jornalismo de subjetividade que uma vez confrontaram Fernanda Moraes, mas no sentido de, através de ferramentas estabelecidas pelo jornalismo profissional, abrir espaços para novas práticas que

sejam mais transparentes em seus métodos e objetivos, assim como menos cegas para as realidades que são julgadas como inconvenientes.

REFERÊNCIAS

- BORGES, Caroline, VENÂNCIO, Júlia. Greve em Florianópolis: prefeitura demite 150 servidores da educação por 'ausência injustificada'. **G1 e NSC**. 7 de maio de 2026. Disponível em: <https://g1.globo.com/sc/santa-catarina/noticia/2026/05/07/greve-em-florianopolis-prefeitura-demite-150-servidores-da-educacao.ghtml>. Acesso em: 22 de jun de 2026.
- CHESINI, Taís Sbeghen. **A Vila do Arvoredo**: a persistente luta por moradia. 2012. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103576>. Acesso em: 22 mar. 2026.
- CONTEÇOTE, M. L. **Metodologias de desenvolvimento de comunidade e comunicação para a mudança social**. 2008. Dissertação (Mestrado) - Curso de Comunicação Social, Unesp, São Bernardo do Campo, 2008.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.
- IJUIM, Jorge Kanehide. A responsabilidade social do jornalista e o pensamento de Paulo Freire. In: **Em questão**, v. 15, n. 2, p. 31-43, 2009. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/10060>
- LAGE, Nilson. **Ideologia e técnica da notícia**. 3 ed. Florianópolis: Insular, 2001. Disponível em: <http://nilsonlage.com.br/wp-content/uploads/2015/04/LivroEstutura.pdf>.
- LÓPEZ, L. E. Interculturalidad, educación y política en América Latina: perspectivas desde el sur. Pistas para una investigación comprometida y dialogal. IN: **Interculturalidad, Educación y Ciudadanía**: perspectivas latinoamericanas. LÓPEZ, L. E. (Ed.). Bolívia: FUNPROEIB Andes, 2009.
- MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, nº 1, 25-38, 1998. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/download/956/859>
- MORAES, Fabiana. **A Pauta é uma Arma de Combate**: subjetividade, prática reflexiva e posicionamento para superar um jornalismo que desumaniza. Porto Alegre: Arquipélago, 2022.
- PERUZZO, Cecilia M Krohling. Aproximações entre a comunicação popular e comunitária e a imprensa alternativa no Brasil na era do ciberespaço. **Galáxia**, n. 17, 2009. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2108>
- REPETTO, Maxim. O Conceito De Interculturalidade: trajetórias e conflitos desde América Latina. **Textos e Debates**, [S. l.], v. 2, n. 33, 2020. DOI: 10.18227/2317-1448ted.v2i33.5986. Disponível em: <https://revista.ufrr.br/textosedebates/article/view/5986>. Acesso em: 17 jun. 2026.

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina Almeida. Políticas públicas e participação infantil. **Educação, Sociedade & Culturas**, v. 25, n. 1, p. 183-206, 2007. Disponível em: <https://ciudadesamigas.org/wp-content/uploads/2012/12/sarmento.pdf>

SILVA, Gislene. Introdução à Cobertura Jornalística e à Noticiabilidade. In: **Apuração, redação e edição jornalística**. SILVA, Gislene, VOGEL, Daisi; SILVA, Terezinha. Florianópolis: Editora da UFSC, 2022.

VEIGA, Marcia da Silveira; DA SILVEIRA FONSECA, Virginia Pradelina. A contribuição do jornalismo para a reprodução de desigualdades: um estudo etnográfico sobre a produção de notícias. In: **Verso e Reverso**, v. 25, n. 60, p. 183-192, 2011. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/versoereverso/article/view/ver.2011.25.60.05>

APÊNDICE A – PROPOSTA APRESENTADA À SME

Proposta de desenvolvimento de projeto de Jornalismo Comunitário junto a Crianças

1. SUJEITOS DA AÇÃO.....	2
1.1 A Escola da Infância.....	2
1.2 UFSC.....	3
1.3 Disciplina de Jornalismo Comunitário.....	3
1.4 Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária.....	3
1.5 Trabalho de Conclusão de Curso.....	4
2. JORNALISMO COMUNITÁRIO E INFÂNCIAS.....	5
3. DEMANDA APRESENTADA.....	5
4. ENCAMINHAMENTO SUGERIDO.....	6
4.1 Descrição da proposta.....	6
4.2 Objetivos.....	7
4.3 Metodologia.....	7
4.4 Cronograma.....	7
4.5 Descrição específica das ações por encontro.....	7
4.6 Estrutura e recursos necessários por encontro.....	8
Referências.....	8

1. SUJEITOS DA AÇÃO

1.1 A Escola da Infância

A Escola Básica Municipal (EBM) Profª Neuza Paula da Silveira (conhecida por Escola da Infância) está situada no bairro Ingleses do Rio Vermelho, Região Norte de Florianópolis. O bairro se destaca por sua população migrante, sendo a maior de qualquer outro em Florianópolis e resultado da propaganda de turismo realizada sobre a região Norte e Leste da ilha, remodelando a dinâmica social e habitacional da região ao atrair tanto famílias das classes mais altas, quanto das mais baixas (Chesini, 2012).

Os dados coletados pelo Censo de 2010 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre naturalidade dos moradores das cidades embasam a afirmação da pesquisadora, demonstrando que, dos dez distritos de Florianópolis com maior número de estrangeiros ou brasileiros naturalizados, metade pertence à região Norte e Leste, incluindo as duas divisões do Bairro Ingleses do Rio Vermelho. O resultado é similar quando observando a amostra da composição de moradores por sua origem de estado ou município, onde todos os cinco distritos onde proporcionalmente moram mais pessoas nascidas em outros estados pertencem a essas regiões, sendo as mesmas duas divisões do bairro as áreas em primeira e segunda posição. As informações citadas pertencem aos universos amostrais nomeados “população residente, por naturalidade em relação ao município e à Unidade da Federação, segundo as Unidades da Federação, os municípios e as áreas de ponderação” e “População residente, por nacionalidade, segundo as Unidades da Federação, os municípios e as áreas de ponderação” (IBGE, 2012). Os mesmos microdados referentes ao censo de 2022 ainda não foram disponibilizados pelo instituto.

A condição da estrutura educacional da região também reflete seu processo de crescimento; já possuindo a maior escola da rede em número de estudantes matriculados, a EBM Profª Herondina Medeiros Zeferino, com cerca de 2 mil estudantes, foi ainda necessária a construção da Escola da Infância para atender estudantes do ensino infantil ao 5º do Ensino Fundamental.

Esse cenário de diversidade e troca cultural como resultado das migrações compõem uma escola de expressiva presença de não-nativos da cidade, incluindo estudantes que partem da família de outras regiões do país ou de outras nações. Tal característica não deve ser ignorada de um ponto de vista social e comunicacional, especialmente quando essa própria identidade migrante contribui para a composição de um senso de comunidade.

Considera-se para essa proposta o projeto anual da professora de Educação Digital e Midiática da instituição, Nali Catarina Pedroso Nunes, no qual se destaca a discussão crítica e interdisciplinar da disciplina promovendo um debate sobre desigualdades sociais através da temática da pluralidade de infâncias e do uso das mídias digitais. O planejamento é direcionado ao 4º e 5º ano, considerando como atividade transversal a produção de um jornal digital.

1.2 UFSC

Localizado em Florianópolis, no bairro Trindade, o campus sede da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) oferta mais de 60 cursos de graduação divididos em 10 centros de ensino. Enquanto universidade pública, a UFSC funciona a partir do tripé de ensino, pesquisa e extensão, cada elemento sendo uma forma de retorno à sociedade dos recursos investidos no funcionamento da instituição. Por mais que esse projeto se concentre no aspecto da extensão, portanto no retorno direto através do trabalho com a comunidade externa à universidade, é de se considerar a influência que o ensino e pesquisa tem e terá nesse desenvolvimento.

É dentro do Curso de Jornalismo da UFSC que encontram outros três elementos relevantes para essa proposta; são eles as disciplinas de Jornalismo Comunitário (JOR6628) e Trabalho de Conclusão de Curso (JOR6803) e o projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC).

1.3 Disciplina de Jornalismo Comunitário

Prevista para a sexta fase do curso, a disciplina de Jornalismo Comunitário tem em sua ementa “estudar e produzir produtos comunicacionais junto a comunidades em contextos vulneráveis, tendo em vista a comunicação e o jornalismo como uma ferramenta emancipatória”. Isso é realizado primeiramente pela discussão teórica sobre o conceito de jornalismo comunitário. Para evitar a confusão deste com processos de veículos que apenas tratam de assunto locais ou tem apelo popular, Cicilia Peruzzo define comunicação comunitária como algo gestado no contexto de movimentos populares e produzido:

no âmbito das comunidades e de agrupamentos sociais com identidades e interesses comuns. É sem fins lucrativos e se alicerça nos princípios de comunidade, quais sejam: implica na participação ativa, horizontal e democrática dos cidadãos; na propriedade coletiva; no sentido de pertença que desenvolve entre os membros; na co-responsabilidade pelos conteúdos emitidos; na gestão partilhada; na capacidade de conseguir identificação com a cultura e interesses locais; no poder de contribuir para a democratização do conhecimento e da cultura. (Peruzzo, 2014)

Como segunda parte da disciplina há a aplicação prática através da aplicação de um projeto de comunicação comunitária, geralmente realizado junto a crianças. Nisso torna-se relevante citar as atividades realizadas nos semestres 2025.1 e 2025.2, desenvolvidas junto a turma do 4º ano do ensino fundamental. Durante o primeiro semestre foi desenvolvido um módulo de oficinas voltadas para entrevistas, onde estudantes elaboraram perguntas para apresentar a membros da comunidade escolar, incluindo uma dinâmica envolvendo uma visita à sede do grupo NSC. No segundo semestre se concentraram em um módulo de fotografia, onde se buscou, além da questão técnica do meio, trabalhar a autorrepresentação de cada estudante fotografado(a). Algumas crianças apareceram vestidas para a sessão com roupas e símbolos que representavam algo de sua história ou interesses.

A contextualização dessas ações não é somente importante para recapitular o que já foi desenvolvido dentro da disciplina junto à escola, como também apresenta a experiência prévia de que alguns(as) estudantes que estarão envolvidos(as) nessa nova ação, visto que uma parte destes compõem a atual turma 51 já participou da oficina de fotografia.

1.4 Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária

O Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) é um projeto de extensão que tem como ponto de origem o ano de 2020 e as demandas comunicacionais das comunidades que compõem o Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis, à respeito da pandemia de Covid-19. Desde então o projeto segue sendo desenvolvido, passando por escolas como a EBM Costa da Lagoa e EBM Albertina Madalena Dias, projetos dialogados com outras universidades e institutos de ensino, como o Unicom, desenvolvido em parceria da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) e do Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC), e o desfile de moda do projeto de extensão Reabilitação para Amputados (RAMP), da Udesc, além de projetos de grupos comunitários, como oficinas de foto na Associação de Amigos da Casa da Criança e do Adolescente do Morro do Mocotó (ACAM) e junto ao Quilombo Maria Rosalina, em Araranguá. A diversidade do público atendido pelo JAC concentra como principal característica comum a má ou sub-representação midiática e/ou política destes grupos, portanto atravessando questões étnico-raciais, etários, territoriais, de gênero, físicos, entre outros marcadores sociais. Portanto se encontra na definição de jornalismo comunitário descrito por Peruzzo, quando afirma que este deve atender “classes subalternas, tais como moradores de uma determinada localidade desassistidos em seus direitos à educação, saúde, transporte, moradia, segurança” (Peruzzo, 2007).

O projeto é composto pelas professoras coordenadoras Isabel Colucci Coelho e Melina de la Barrera Ayres, extensionistas voluntárias(os), até dois/duas estagiários(as) e geralmente um(a) estudante bolsista. Apesar de sediado no Curso de Jornalismo e vinculado aos princípios do jornalismo comunitário, o projeto é aberto para demais estudantes de outros cursos e para comunidade externa, considerando nisso uma contribuição à interdisciplinaridade das ações desenvolvidas.

Apesar das atividades anteriores na Escola da Infância terem sido desenvolvidas na disciplina de Jornalismo Comunitário, pretende-se desta vez desenvolver a descrita por essa proposta através da extensão do JAC.

1.5 Trabalho de Conclusão de Curso

A presente proposta também se insere dentro da disciplina de TCC, considerando que está sendo desenvolvida pelo estudante inserido na disciplina, Gabriel Elias. O objetivo dessa proposta enquanto trabalho de conclusão de curso em jornalismo está no acompanhamento do desenvolvimento das atividades, assim como o desenvolvimento de uma análise que envolva o diagnóstico da comunidade atendida, suas demandas, os resultados alcançados e a descrição do processo.

Enquanto formato de TCC, a prática se enquadra com projetos comunicacionais e jornalísticos, categoria estabelecida pelo regulamento do Curso de Jornalismo que tem como uma das funções contemplar a comunicação comunitária. Se considera aqui, além da construção do presente diagnóstico, o levantamento teórico necessário para embasar a prática.

Outro ponto relevante influenciado pela disciplina são os prazos a qual ela segue, influenciando o cronograma das atividades conforme descrito mais adiante.

2. JORNALISMO COMUNITÁRIO E INFÂNCIAS

Executar um produto de jornalismo com crianças e adolescentes torna-se interessante ao operar em três movimentos: promover a educação midiática através do consumo crítico de notícias; oferecer a oportunidade da apropriação de ferramentas e técnicas jornalísticas (Orofino, 2012); e, como resultado das primeiras, estimular o exercício da cidadania e do reconhecimento da participação política de grupos infantis na sociedade (Sarmiento, Fernandes, Tomás, 2007). Este ponto torna-se especialmente relevante no ponto em que as autoras pontuam as crianças como “grupo social verdadeiramente excluído de direitos políticos expressos”, isto é, não tem espaço direto de participar diretamente da tomada de decisões políticas, por mais que sejam afetadas diretamente por tais.

O ambiente escolar tem relação direta com tal fenômeno, visto que é a partir dela que se promove uma inserção da cidadã desses indivíduos, apesar da tal acontecer de forma disciplinadora, não operando de forma que introduza-os a uma cidadania plena (Foucault, 1993). Isso não significa, no entanto, que não haja soluções de se promover caminhos para uma pedagogia crítica. Maria Isabel Orofino propõe em sua discussão sobre educação midiática a partir de uma aplicação da teoria das mediações que inclua a relação entre produção, mensagem, recepção e resposta. A autora considera esta última como de grande relevância, visto que permite identificar a escola “não apenas como espaço de leitura e recepção crítica dos meios, mas também como *local de produção e endereçamento de respostas às mídias*” (Orofino, 2012, grifos da autora).

A pedagogia da pergunta surge no trabalho de Paulo Freire como um método de instigar a curiosidade e com isso exercitamos a reflexão que leva ao pensamento crítico.

De fato, ao nos aproximarmos da natureza do ser que é capaz de se comprometer, estaremos nos aproximando da essência do ato comprometido. A primeira condição para que um ser possa assumir um ato comprometido está em ser capaz de agir e refletir. (Freire, 1983)

A aplicação prática destes princípios dentro das ações de jornalismo comunitário promovidos pelo curso da UFSC estão na valorização do conhecimento e das interpretações de mundo trazidas pelas crianças. O objetivo de um projeto comunitário não será funcionalista em ponto de apresentar uma proposta pronta e seguir ela à risca, independente das particularidades das pessoas envolvidas, se considera nela as visões que partem destas e de seu coletivo.

3. DEMANDA APRESENTADA

Considera-se nessa proposta de jornalismo comunitário as demandas apresentadas pela professora de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação, Nali Catarina Pedroso Nunes, de discutir a formação em tecnologias através de uma ótica intercultural, considerando a diversidade cultural de origem dos(as) estudantes e as abordagens da educação para as relações étnico-raciais (ERER).

Importante destacar que essa proposta se enquadra não somente na linha de atuação do JAC pelo conteúdo (mídias e educação popular) como pelo público-alvo, dado que segundo Tomás, Sarmiento e Fernandes, crianças não têm direito à participação política na sociedade e, portanto, são um grupo vulnerável e sub-representado. Assim, a ação se mostra relevante também por servir de oportunidade ao exercício de cidadania e de vocalização das demandas de alguma parte deste recorte populacional.

A demanda apresentada pela professora é de uma ação que contemple a turma 54 da escola, do 5º ano, mesma que, enquanto 4º ano, teve breve contato com o jornalismo comunitário através das propostas da disciplina curricular de Jornalismo Comunitário, do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), direcionada a outra turma, mas da qual alguns(as) estudantes participaram. Por mesmo que a decisão do trabalho com a turma tenha se dado pela disponibilidade da professora e do grupo de extensionistas, foi destacado por Nali como as crianças se mostraram animadas e interessadas na participação das atividades com o Jornalismo da UFSC.

Em reunião organizada com a professora da escola junto às professoras da disciplina de Jornalismo Comunitário e coordenadoras do projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) e o estudante das fases finais Gabriel Elias, foi apresentado o interesse em se trabalhar com o formato da mídia impressa, até então não explorado pela turma.

Discutiu-se que tal proposta deveria exercitar o pensamento crítico dos(as) alunos(as) através da análise dos dados disponíveis sobre a escola e seus estudantes, além de trabalhar assim a subjetividade destes(as) através da produção de representações de si e do coletivo escolar. Assim, propomos a elaboração de uma revista (de 8 ou 12 páginas) que incluía uma análise sobre tais dados, junto a textos jornalísticos que abordem a diversidade e variedade cultural de infâncias presentes na comunidade escolar, além da história da mesma e de outros que a compõem.

4. ENCAMINHAMENTO SUGERIDO

4.1 Descrição da proposta

Em reunião organizada com a professora da escola junto às professoras da disciplina de Jornalismo Comunitário e coordenadoras do projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária (JAC) e o estudante das fases finais Gabriel Elias, foi apresentado o interesse em se trabalhar com o formato da mídia impressa, até então não explorado pela turma.

Discutiu-se que tal proposta deveria exercitar o pensamento crítico dos(as) alunos(as) através da análise dos dados disponíveis sobre a escola e seus estudantes, além de trabalhar assim a subjetividade destes(as) através da produção de representações de si e do coletivo escolar. Assim, propomos a elaboração de uma revista (de 8 ou 12 páginas) que incluía uma análise sobre tais dados, junto a textos jornalísticos que abordem a diversidade e variedade cultural de infâncias presentes na comunidade escolar, além da história da mesma e de outros que a compõem.

4.2 Objetivos

Como citado anteriormente, se propõe, através dessa ação de jornalismo comunitário, o desenvolvimento e fortalecimento da coletividade dos(as) estudantes enquanto comunidade ao discutir a interculturalidade que atravessa o território. Isso se dará através da produção conjunta de textos jornalísticos para uma revista impressa.

Aqui se valoriza a necessidade de, não apenas apresentar dados e explicá-los, mas de exercitar a participação ativa das crianças, de forma que o resultado transmita as suas subjetividades e interpretações da realidade. Portanto a abordagem não deve considerar nós,icineiras(os) do JAC e professoras como detentoras do conhecimento a ser passado para os mais jovens, e sim como sujeitos instigadores para que partindo dessa relação dialógica possamos desenvolver um vínculo pedagógico e comunicacional que gere esse conhecimento de maneira conjunta.

4.3 Metodologia

A proposta, conforme já apresentado, atravessa os referenciais do jornalismo comunitário (Paiva, 2006; Peruzzo, 2009) e da educação midiática (Orofino, 2012). Considera-se aqui também o jornalismo como uma forma de conhecimento, referencial que parte da pedagogia freireana considerando que a transmissão do conhecimento através de notícias acontece pela reinterpretação de seus códigos, não somente de reprodução, assim como se dá na educação (Meditich, 1998).

A organização da ação se dará através de cinco encontros presenciais em sua maioria quinzenais com acompanhamento da professora regente durante as semanas sem participação direta do JAC. Os encontros dividirão oficinas e práticas de diferentes utilidades para a produção da revista conforme agendados e descritos a seguir.

4.4 Cronograma

Considerando a realidade do cronograma escolar, da disciplina de TCC e dos demais projetos desenvolvidos pelo JAC, propõem-se o seguinte cronograma de ações:

- **1º Encontro - 15/04:** Introdução e apresentação dos dados;
- **2º Encontro - 22/04:** Acompanhamento das produções;
- **3º Encontro - 29/04:** Oficina de texto;
- **4º Encontro - 13/05:** Oficina de diagramação e acompanhamento do texto;
- **Encontro Final - 27/05:** Fechamento da produção.

4.5 Descrição específica das ações por encontro

1ª A Semana, 1º Encontro: Introdução do grupo, apresentação do grupo em roda com resposta da pergunta “o quê torna sua escola especial?” (45min); apresentar em vídeo as atividades do ano anterior (10min); apresentação dos dados e discussão sobre interculturalidade (40min); discussão inicial das pautas (25min).

2ª Semana, 2º Encontro: Breve oficina de entrevista (40min); Planejamento da execução das pautas em pequenos grupos (25min). Roteirização das entrevistas a serem realizadas fora da escola (35min). Acompanhamento das pautas escolhidas (20min).

3ª Semana, 3º Encontro: Oficina de texto jornalístico (40min); análise das entrevistas realizadas (25min); planejamento do texto a ser desenvolvido; iniciar produção do texto final (20min); acompanhamento das pautas (15min); Planejamento da “página” (20min).

4ª Semana: Organizar com a professora regente da turma o acompanhamento da produção textual.

5ª Semana, 4º Encontro: Oficina de diagramação no Canva (contraste, legibilidade, hierarquia da informação e organização em colunas) (40min); finalizar textos (80min).

6ª Semana: Organizar com a professora regente da turma o acompanhamento da produção textual.

7ª Semana, Encontro Final: Ajustes finais e visualização do produto pronto (80min); escuta sobre experiência (40min).

Tempo total por encontro: 120min

4.6 Estrutura e recursos necessários por encontro

1º Encontro: Computador; projetor; 5 voluntárias(os) (oficineiras(os) do JAC).

2º Encontro: Computadores; mesas; tablets; recursos lúdicos para oficina de entrevista (microfone); 8 voluntárias(os).

3º Encontro: Computadores; projetor; tablets; mesas; 8 voluntárias(os).

4º Encontro: Computadores; projetor; mesas; 8 voluntárias(os).

Encontro Final: Computador; projetor.

Referências

CHESINI, Taís Sbeghen. **A Vila do Arvoredo:** a persistente luta por moradia. 2012. 108 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2012. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103576>. Acesso em: 22 mar. 2026.

FOUCAULT, Michel (1993). **Vigiar e punir** (10ª ed.). Petrópolis: Vozes.

FREIRE, Paulo. **O Compromisso do profissional com a sociedade.** Educação e mudança. 10.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Brasileiro de 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como Forma de Conhecimento. **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação**, v. 21, nº 1, 25-38, 1998. Disponível em: <https://revistas.intercom.org.br/index.php/revistaintercom/article/download/956/859>

OROFINO, Maria Isabel. **Mídias e mediação escolar**: pedagogia dos meios, participação e visibilidade. Florianópolis: Cortez, 2012.

PAIVA, Raquel. Jornalismo comunitário: uma reinterpretação da mídia (pela construção de um jornalismo pragmático e não dogmático). **Revista Famecos**: mídia, cultura e tecnologia, n. 30, ago. 2006, pp. 62 – 70. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3376/2641>

SARMENTO, Manuel Jacinto; FERNANDES, Natália; TOMÁS, Catarina Almeida. **Políticas públicas e participação infantil**. Educação, Sociedade & Culturas, v. 25, n. 1, p. 183-206, 2007. Disponível em: <https://ciudadesamigas.org/wp-content/uploads/2012/12/sarmento.pdf>

APÊNDICE B – REVISTA RESULTADO DA PROPOSTA



ESCOLA DA INFÂNCIA
EBM PROFESSORA NEUZA PAULA DA SILVEIRA

REVISTA
Vol. 01

“Farmar Aura” na Escola da Infância

FARMAR AURA = FAZER A DIFERENÇA E ATITUDE POSITIVA



Conheça nossa escola e o Bairro
dos Ingleses pelo olhar da turma 52

Expediente

Esta revista foi produzida nas aulas de Educação Digital e Midiática, ministrada pela professora Nali Catarina Pedroso Nunes, com os estudantes do 5º ano do ensino fundamental, turma 52 Integral da escola Prof. Neuza Paula da Silveira - Escola da Infância, localizada no bairro do Ingleses do Rio Vermelho, em Florianópolis. A produção contou com o apoio e do projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária do Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (JAC-UFSC).

Produzem essa edição:

Escola da Infância

Profª Nali Pedroso Nunes
Abigail Julia Rodríguez
Alexandre Lima da Silva
Alisson Mariana Castaneta Moreno
Ana Thainara Sales dos Santos
Benício Russo de Souza
Daniel Machado Oliveira
Davi dos Santos Coelho
Eduardo Valério Fernandes
Enzo Gabriel Porciuncula Martins
Gael Rigo Mockffa
Guilherme da Veiga Ramos
Helena Karolina de Souza Gomes
Jean Mikael Assunção da Silva
Jennyfer Shirley Teixeira Barreto
João Pedro Cunha da Silva Rodrigues
Livia Rafaella Arndt de Souza
Livia Rodrigues Machado

Maia Belen
Manuella Padilha Zientarski
Maria Lopes Cione
Mariah de Medeiros Bueno
Miguel Piccoli Correia
Paula Caroline Marques Pimentel
Rafaela Bezerra Nascimento
Sophia Cruz dos Santos
Sophie Me Leal de Oliveira
Victor Emanuel de Oliveira Gomes
Vitória Betina da Silveira dos Santos

Jornalismo e Ação Comunitária

Profª Isabel Colucci Coelho
Profª Melina de la Barrera Ayres
Gabriel Alexandre Elias
Júlia Cataneo
Luana Cardoso Gregório
Maria Eduarda Rigotti Bonfante
Maria Julia de Barros Barbosa
Nathália Madeira Dias
Vitória Vasconcellos Hanzel



Uma escola de várias culturas

Na nossa escola tem várias pessoas de outros países, que têm línguas diferentes. Aqui nos Ingleses mora muita gente de outros países, elas vêm morar aqui porque devem gostar daqui e das praias.

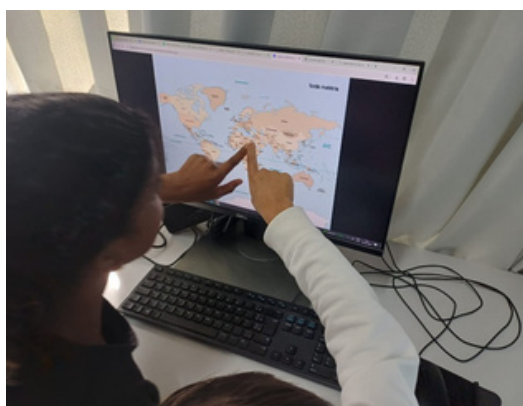
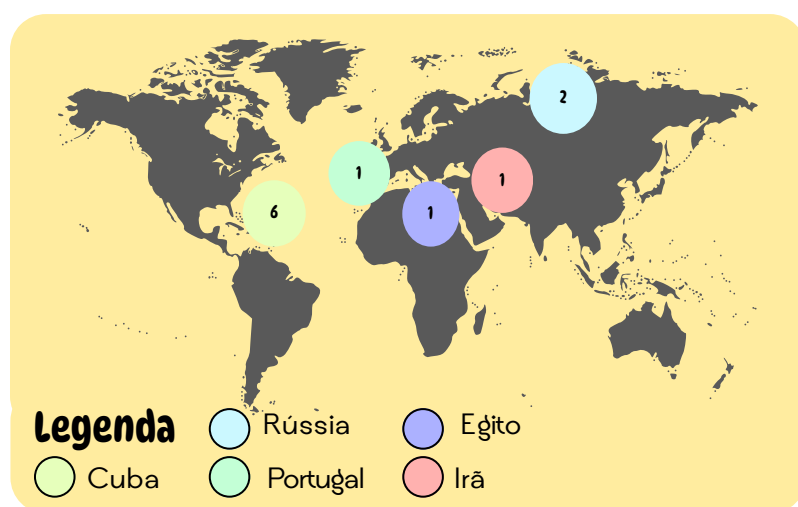
Estudar em uma escola com crianças de tantos lugares é legal, porque é legal aprender outras línguas diferentes.

E tem pessoas de outros estados na nossa escola, tem criança de todas as regiões do país.

No mapa mostramos que tem uma aluna colombiana na escola,

Ela está na nossa sala desde 8 de março de 2025. Ela está gostando.

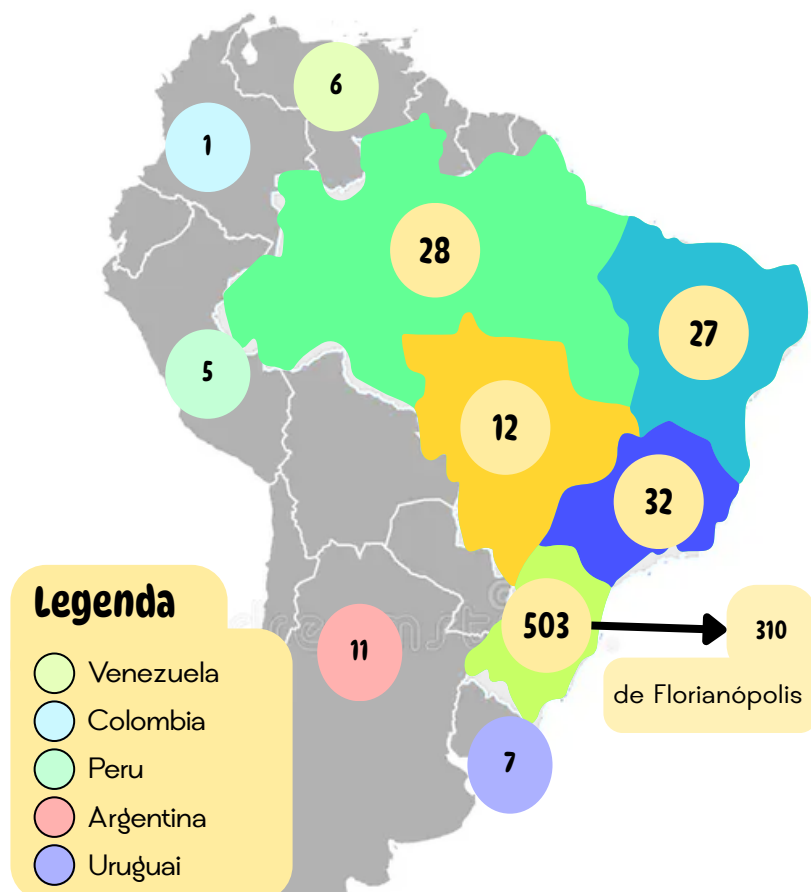
Também temos na nossa sala duas colegas argentinas, que são a Maia e a Abigail



Nossa equipe durante a construção do mapa



Nossas colegas de países vizinhos



Projetos para mover corpo e mente

Nos Ingleses existem vários projetos sociais, entre eles: Superando Barreiras, DiBase Vôlei, Projeto Praia Acessível e o projeto de dança Sambalé. Todos oferecem atividades físicas ou culturais para as crianças fora do horário escolar. Para a professora Elisiane Correa, esses projetos são muito importantes, porque fazem bem para treinar o corpo, ter saúde e não ficar o dia inteiro no celular.

Superando barreiras

Este projeto de Jiu Jitsu é oferecido pela academia Gracie Barra Ingleses. Nosso colega Miguel Sparan, do quinto ano, pratica lá há dois anos e aprendeu a fazer o famoso mata-leão. Para ele "é difícil, porque a gente luta um contra o outro".

DiBase

É uma escola e projeto esportivo dedicado ao vôleibol. Na nossa escola tem duas meninas que fazem esse projeto, elas são: Ana Luiza e Gabriela, as duas da turma 51. Elas praticam duas vezes por semana e acham legal o projeto. Ajuda a se distraírem das telas. A Ana diz às ficar tensa, quando joga e não sabe se vai errar ou acertar.

Sambalé

É um projeto coordenado pela professora e arte-educadora Andréia Zaida. Segundo ela, é um projeto de crianças pretas, que tem

como objetivo promover o desenvolvimento integral por meio da dança, unindo a técnica do ballet clássico à força cultural e rítmica do samba, mas também com foco em outros estilos dançantes e em preparar o corpo para a tecnicamente para dançar. "Faz bem para treinar o corpo, ter saúde e não ficar o dia inteiro no celular", disse Elisiane.

Na nossa escola várias meninas participam do Sambalé. Livia Rodrigues Machado e Vitória Betina da Silveira dos Santos dançam há um ano e meio e acham muito legal por conta do desenvolvimento, dos vários projetos e alongamentos, por sair das telas e pela atitude da professora Andréia. Elas já se apresentaram várias vezes. A última vez foi no Costão do Santinho.

Nossas colegas Livia e Vitória participam do projeto



“O projeto entende o corpo como espaço de memória, arte e transformação, permitindo que cada participante descubra sua potência e a não ter dúvida alguma sobre poder estar em qualquer espaço, basta ter oportunidade.”



Profª Andréia do Sambalé durante uma aula

História da Escola

A escola fundada em 2021, no bairro dos Ingleses. Tem 670 alunos e 73 profissionais.

Fica logo ao lado da maior escola municipal de Florianópolis, Herondina Medeiros Zeferino.

A Escola da Infância.
Foto por Gabriel Bonfim
- via Google Maps



Perguntas sobre a greve



Dia 23 de abril o Sindicato dos Servidores Públicos de Florianópolis declarou greve pedindo por melhorias na educação e saúde. A paralisação afetou nossos encontros com o pessoal do JAC, que nos ajudou a produzir essa revista, mas nos deixaram com a tarefa de entrevistar colegas e professoras para entender o momento.

Perguntas feitas para estudantes

Para você, como foi o período da greve?

Isabela: Foi ruim.

Susan: Foi difícil.

Aquiles: Chato.

Milena: Muito bom e nem um pouco ruim.

Como a sua família se organizou?

João Vitor: Meu pai me levava pra escola e pra casa e teve que fazer uma correria.

Susan: Não gostaram porque eu tive que ficar sozinha em casa.

Aquiles: Acordando mais cedo.

Marye: Foi ruim.

Milena: Fiquei em casa com meu irmão.

Qual sua opinião sobre a greve?

João Vitor: Legal.

Susan: Os direitos.

Marye: Ruim. Não devia mais ter.

Aquiles: Que não deveria existir.

Perguntas feitas para profissionais da escola

Para você, como foi o período da greve?

Patrícia: Foi um momento de luta coletiva para melhorar o serviço público de Florianópolis.

Katana: Foi um momento difícil, demorou muitos dias e o prefeito não chegou a um acordo.

Raquel: Emocionante, um ato de coragem e união dos trabalhadores.

Por que ocorreu a greve?

Patrícia: Para termos concurso público, para as auxiliares serem consideradas professoras, pela data-base, por mais investimento público no serviço.

Katana: Pelos direitos da educação, que os professores tentaram conquistar que auxiliares de sala tivessem o direito de entrar no quadro do magistério.

Raquel: Para lutar por direitos.



Nossa equipe preparando as entrevistas

O nome da escola é homenagem à professora Neuza Paula da Silveira, que já faleceu. Ela trabalhava no Núcleo de Educação infantil Municipal (NEIM) Gentil Mathias da Silva



Foto da Professora Neuza.
Via Portal Norte da Ilha. Divulgação PMF

Segurança na escola

O quê cada um pode fazer?

Você sente segurança na escola e no seu bairro? Às vezes aparece um colega que se diverte em irritar a gente, às vezes tem quem exagera e a gente precisa buscar ajuda. Mas o quê a escola pode fazer?

Entrevistamos a professora Renata, que cuidava da portaria, sobre a segurança da escola e ela nos disse que “nas escolas podemos fazer ações de conscientização sobre agredir colegas, elaborar palestras e esse tipo de coisa”. Quando algo acontece na escola, a professora pode intervir, quando é fora, ela diz que o certo é chamar a polícia.

Achamos a segurança da escola muito boa, porque quando alguém se machuca, é avisado pros pais. Esse é o trabalho que a Janaina faz, a secretária da escola.

No dia que saímos para entrevistas encontramos a Jéssica na frente da escola. Ela e um outro colega da Guarda Municipal de Florianópolis estavam atendendo um chamado na escola. Aproveitamos o encontro para falar ela.



Como paramos as brigas?

Jéssica: Com ações de conscientização feitas por pessoas da escola e da segurança pública. Conversas que mostrem que isso não é legal, como os trabalhos que vocês fazem contra o *bullying*.

Nossa equipe aproveitou o encontro para uma entrevista rápida

Conversamos com a professora Renata sobre o quê a portaria da escola pode fazer



O Afonso é o aluno mais antigo da escola. A primeira amiga do Afonso foi a Vitoria ele entrou na escola quando pintaram a quadra e colocaram o elevador. Ele acha a escola boa, mas acha que podiam mudar a comida.



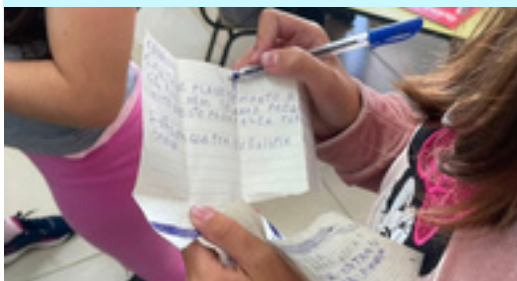
Foto com as pessoas que entrevistaram o Afonso

Diversão e lazer: o quê fazemos nos Ingleses

O bairro dos Ingleses é um dos principais pontos turísticos de Florianópolis. As praias, a comida e o centrinho atraem turistas, residentes da cidade e imigrantes.

Em entrevistas com as professoras Ana Carolina e Sabrina, respectivamente de Educação Física e da Biblioteca, elas falaram sobre lazer e o turismo no bairro.

Na opinião delas, o lazer e turismo no bairro dos Ingleses é importante, mas aproveitá-lo tem desafios, como falta de dinheiro, de tempo, de transporte, de organização e de planejamento.



Aprendemos que é importante sempre anotar as respostas de entrevistadas

Os alunos da escola Prof^a Neuza Paula da Silveira, a Escola da Infância, afirmam que gostam de ir na praia, ir tomar açaí ou em outros lugares de alimentação, ir no centrinho para ver roupas, acessórios, tomar caldo de cana e comer coxinha.

A escola também é um lugar de lazer porque dá acesso a vários lugares, como a sala de informática, o parquinho e a quadra de futebol.



Nossa equipe saiu para campo! Perguntamos para professoras sobre o acesso ao lazer

A diretora é a Gabriela. Ela foi a primeira a ser escolhida por eleição.

A Gabi foi votada pela comunidade escolar porque gostam e aprovam o trabalho dela.



A diretora da Escola da Infância

Receita de bolo de banana simples sem açúcar da Dulce

Para a primeira oficina de entrevista, a turma recebeu uma das cozinheiras da escola, a Dulcinéia. Entre as perguntas sobre trabalho e vida pessoal, a Dulce deixou a receita do bolo de banana feito na escola, um dos favoritos de muitos estudantes.

Ingredientes

3 bananas

3 ovos

1 xícara de leite

2 xícaras de farinha

Preparo

Bata tudo no liquidificador e
leve ao forno em fogo baixo por
40 minutos.



APÊNDICE C – INFOGRAFIA PRODUZIDA COM DADOS DO IBGE



Os distritos do Ingleses do Rio Vermelho são os únicos da cidade com mais moradores de fora de SC do que catarinenses natos(as)

É como se para cada 10 pessoas dos Ingleses, 5 fossem de fora de SC



Canavieiras



Rio Vermelho



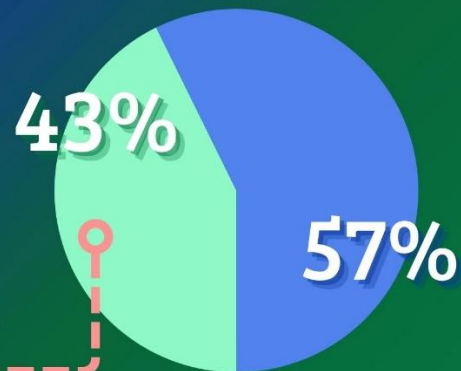
1. Ingleses do Rio Vermelho 2 - (1,1)
2. Ingleses do Rio Vermelho 1 - (1,1)
3. Canasvieiras - (1,0)
4. São João do Rio Vermelho - (0,7)
5. Lagoa da Conc. e Barra - (0,7)
6. Campeche 1 - (0,6)
7. Cachoeira do Bom Jesus - (0,6)
8. Pântano e Campec. Sul - (0,6)
9. Campeche 2 - (0,5)
10. Agrônômica e Trind. Norte - (0,5)

11. Córrego Grande e S. Mônica - (0,5)
12. Altos da Felipe Schmidt - (0,4)
13. Itacorubi - (0,4)
14. Média de Florianópolis - (0,4)
15. Saco dos Limões e Trind. Sul - (0,4)
16. Ribeirão da Ilha 1 - (0,4)
17. Coqueiros - (0,4)
18. Abraão-Itaguaçu-B. Abrigo - (0,4)
19. Mauro Ramos - (0,4)
20. Centro - (0,4)

**Regiões com mais moradores
vindos de fora do país**

**Total de
pessoas 4622**

1. Canavieiras
2. Lagoa da Conceição
3. Pântano do Sul e Campeche Sul
4. São João do Rio Vermelho
5. Córrego Grande e Santa Mônica
6. Ingleses



APÊNDICE D – TRANSCRIÇÃO DAS ENTREVISTAS

Perguntas Tema - Cultura das Famílias

Qual a origem da tua família?

Maria Vitória da Rocha: Porto Alegre.

Beatriz Silva: Florianópolis.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Bahia.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Lages e Rio Grande do Sul.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): A maioria vem do Paraná.

Mateus da Silveira: Vêm de Manaus.

Qual língua a sua família fala?

Maria Vitória da Rocha: Português.

Beatriz Silva: Português.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Português.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Português.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Português.

Mateus da Silveira: Português.

O quê você gosta de fazer com a sua família?

Maria Vitória da Rocha: Sair.

Beatriz Silva: Sair.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Passear.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Passear e fazer churros.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Almoçar juntos.

Mateus da Silveira: Nada.

O quê você gosta de comer quando você não vai para a escola?

Maria Vitória da Rocha: Gosto de lasanha.

Beatriz Silva: Comida.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Empadão.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Tomar café na cafeteria.

Mateus da Silveira: Macarrão.

Qual é a comida típica de onde você vem?

Maria Vitória da Rocha: Pinhão.

Beatriz Silva: Peixe.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Churrasco.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Pinhão, café e churrasco.

Mateus da Silveira: Tambaqui.

O quê você faz no Natal com a sua família?

Maria Vitória da Rocha: Eu como.

Beatriz Silva: Não comemoramos.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Fazemos a ceia.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Ceia de Natal.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Churrasco e amigo secreto.

Mateus da Silveira: Chamar os primos.

Você tem alguma tradição?

Maria Vitória da Rocha: Não tenho.

Beatriz Silva: Não.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Não.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Não.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Fazer café da manhã no aniversário.

Mateus da Silveira: Não.

Qual seu esporte favorito?

Maria Vitória da Rocha: Vôlei.

Beatriz Silva: Vôlei.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Futebol.

Gabriel (Professor de Ed. Física): Futebol e basquete.

Tatiane Braz Ferreira (Professora): Ginástica.

Mateus da Silveira: Futebol.

Qual sua música favorita?

Maria Vitória da Rocha: Saucin' LNGSHOT.

Beatriz Silva: Não tenho.

Thais de Jesus Souza (Cozinheira): Arrocha

Gabriel (Professor de Ed. Física): Pagode

Perguntas Tema - História

Como surgiu o nome da escola?

Janaína (supervisora): Foi uma homenagem a uma professora muito antiga da rede municipal de Florianópolis que atuava na unidade Gentil Matias.

Por quê a diretora Gabi foi votada?

Janaína (supervisora): Porque a comunidade escolar gosta e aprova ela.

Quantas diretoras a escola teve?

Janaína (supervisora): Tivemos três diretoras, somente uma foi eleita.

Quem construiu a escola?

Janaína (supervisora): A escola foi construída pela prefeitura de Florianópolis.

Quando você entrou na escola?

Janaína (supervisora): Em setembro de 2020.

Quem é o aluno mais velho da escola?

Janaína (supervisora): É o Afonso da turma 51.

Quantos alunos tem na escola?

Janaína (supervisora): 670.

Quantos professores tem na escola?

Janaína (supervisora): São 73 professores e outros profissionais.

Quando a escola foi fundada?

Janaína (supervisora): Em 2021.

Quando vai vir a nova diretora?

Janaína (supervisora): Em 2028.

O quê você acha da escola?

Afonso (turma 51): É boa.

O quê você mudaria na escola

Afonso (turma 51): A comida.

Qual foi seu primeiro amigo?

Afonso (turma 51): A Vitória.

E qual seu professor favorito?

Afonso (turma 51): A Nali.

A escola mudou desde que você entrou?

Afonso (turma 51): Sim, pintaram a quadra e colocaram um elevador.

Perguntas Tema - Lazer

Quais as formas de se divertir nos Ingleses

O quê é turismo?

Sabrina (professora): Conhecer novos lugares, paisagens e culturas, adquirindo novos conhecimentos.

Qual seu ponto turístico favorito da cidade?

Sabrina (professora): Adoro locais com natureza, com montanhas e árvores.

Você acha que os turistas respeitam a cidade?

Ana Carolina (professora de ed. física): Não, porque na cidade a gente vê muito lixo jogado no chão, no mar e falta de respeito nos transportes públicos.

Você vai à praia no verão?

Ana Carolina (professora de ed. física): Um pouco, quase nunca.

Pra onde você gostaria de viajar?

Ana Carolina (professora de ed. física): Para o Chile.

Qual a importância do turismo para a valorização da cultura?

Ana Carolina (professora de ed. física): Para a divulgação e propagação da cultura e para o crescimento da economia.

Sabrina (professora): Para mais pessoas conhecerem a nossa cidade.

Turismo é um direito de todos, mas por que nem todo mundo tem acesso a ele?

Ana Carolina (professora de ed. física): Por falta de dinheiro, de transporte e de tempo.

Sabrina (professora): Falta de planejamento e organização, pois nem sempre precisamos de muito dinheiro para fazer turismo.

Turismo é importante para aprender a sonhar?

Ana Carolina (professora de ed. física): Sim, porque a gente conhece outras culturas que podem se tornar interesse.

Sabrina (professora): Não, porque, por eu existir, eu já sonho.

Você se diverte nos Ingleses? O quê você gosta de fazer aqui?

Ana Carolina (professora de ed. física): Conhecer as cafeterias.

Quais são as comidas típicas de Florianópolis para você?

Ana Carolina (professora de ed. física): Tainha.

Sabrina (professora): Pirão de peixe com farofa de banana.

Qual foi o motivo que te trouxe para cá?

Ana Carolina (professora de ed. física): Vim por trabalho.

Você se identifica como turista?

Ana Carolina (professora de ed. física): Não.

Sabrina (professora): Não.

Perguntas Tema - **Segurança**

O quê você acha das brigas entre alunos?

Renata (professora e porteira): Não acho legal, deveríamos saber resolver as coisas na conversa, não brigando. Isso não é jeito de conviver.

Janaína (secretária): Acho desnecessárias. Nem têm motivo pra começar.

O quê você pode fazer nesses casos?

Renata (professora e porteira): Na escola posso separar, acalmar, entender o que aconteceu.

Janaína (secretária): Conversar com crianças e famílias para resolver de outra forma.

O quê você pode para prevenir que isso aconteça?

Renata (professora e porteira): Nas escolas podemos fazer ações de conscientização sobre não agredir colegas, elaborar palestras, esse tipo de coisa.

Janaína (secretária): Devemos procurar um adulto sempre que acontece.

Como paramos as brigas?

Jéssica (Guarda Municipal de Florianópolis): Com ações de conscientização feitas por pessoas da escola e da segurança pública. Conversas que mostrem que isso não é legal, como os trabalhos que vocês fazem contra o bullying.

Acontecem muitas brigas?

Sofia (turma 44): Já aconteceram umas vezes

Como começam as brigas?

Sofia (turma 44): Às vezes é do nada

O quê sua família acha de brigas na escola?

Sofia (turma 44): Que é ruim

Perguntas Tema - **Projetos Sociais**

Qual projeto você conhece/ faz parte?

Elisiane Correa: Conheço dois projetos. O Sambalé e o Bairro Educador, que atende no contraturno com oficinas.

Ana Luiza (turma 51): DiBase Vôlei, vou duas vezes por semana.

Miguel Sparan: Projeto de Jiu-Jitsu

Livia Rodrigues Machado: Faço parte do Sambalé faz um ano e meio.

Gabriela (Turma 51): Faço parte do Projeto DiBase. É duas vezes pela semana.

Vitória dos Santos: Faço o Sambalé e acho muito legal. Já faz um ano e meio que faço.

O quê acha do projeto?

Elisiane Correa: Fazem bem para treinar o corpo, ter saúde e não ficar o dia inteiro no celular.

Ana Luiza (turma 51): É muito legal. Faz ficar longe do celular.

Miguel Sparan: Acho legal.

Livia Rodrigues Machado: Acho muito legal porque tem vários projetos e alongamentos.

Gabriela (Turma 51): Acho legal. É bom ficar afastada das telas.

Vitória dos Santos: Eu acho muito legal, porque tem muitas apresentações e pela atitude da professora.

Como é sua experiência ao fazer o projeto?

Ana Luiza (turma 51): Fico bem tensa, por não saber se vou errar ou acertar.

Miguel Sparan: Prático a 2 anos.

Você acha que é fácil ou difícil?

Ana Luiza (turma 51): Faço a 1 ano e 2 meses. Acho fácil.

Miguel Sparan: É difícil porque a gente luta um contra o outro.

Gabriela (Turma 51): É fácil, mas depende da situação.

O quê você já aprendeu no projeto?

Ana Luiza (turma 51): Aprendi toque e manchete.

Miguel Sparan: Aprendi a dar mata-leão.

Gabriela (Turma 51): Já aprendi manchete, toque e saque.

Você já competiu/se apresentou?

Ana Luiza (turma 51): Ainda não competi.

Miguel Sparan: Já me apresentei.

Livia Rodrigues Machado: Já me apresentei. A última vez foi no Costão do Santinho.

Gabriela (Turma 51): Ainda não competi.

Vitória dos Santos: Já me apresentei. A última vez foi no Costão do Santinho.

Você gosta do(a) professor(a)?

Ana Luiza (turma 51): Quem dá aula é o Cleber. Ele é legal porque não grita.

Gabriela (Turma 51): Bastante. Faço com o professor Cleber.

Perguntas Tema - **Greve**

Adultos

Para você, como foi a greve?

Patrícia (Supervisora): Foi um momento de luta coletiva para melhorar o serviço público de Florianópolis.

Katana (Professora): Foi um momento difícil, demorou muitos dias e o prefeito não chegou a um acordo.

Raquel Atanásio: Emocionante, um ato de coragem e união dos trabalhadores.

Por que ocorreu a greve?

Patrícia (Supervisora): Para termos concurso público, para as auxiliares serem consideradas professoras, pela data-base, por mais investimento público no serviço.

Katana (Professora): Pelos direitos da educação, que os professores tentaram conquistar que auxiliares de sala tivessem o direito de entrar no quadro do magistério.

Raquel Atanásio: Para lutar por direitos.

Quais as melhorias que a nossa escola precisa?

Patrícia (Supervisora): Quadra coberta, sala de dança, laboratório de ciências e mais computadores na sala de tecnologia.

Katana (Professora): Cobertura para a quadra, auxiliares para quadro de magistério e salários melhores.

Raquel Atanásio: Cobertura da quadra, mais espaço para as turmas do ensino integral, mais professores de sala, de dança, mais projetos, um auditório, mais computadores, menos alunos por sala de aula e um parquinho para as crianças do infantil.

Qual a sua opinião sobre a greve?

Patrícia (Supervisora): Que todos valorizem a luta coletiva para melhorarmos nossa condição de vida

Katana (Professora): Muito importante, pois estávamos unidos por uma causa justa, a qualidade da unidade.

Raquel Atanásio: A greve é um direito legal e também é uma forma dos trabalhadores se unirem para os objetivos em comum.

Crianças

Para você, como foi o período da greve?

Isabela (turma 34): Foi ruim.

João Leão (turma 34): Um mês e meio.

Susan: Foi difícil.

Marye do Nascimento (turma 44): Foi ruim.

Aquiles Fernandes (turma 42): Chato.

Milena Bano (turma 4A): Muito bom e nem um pouco ruim.

Quais poderiam ser as melhorias na escola?

Isabela (turma 34): Não sei.

João Leão (turma 34): Colocar teto na quadra.

Susan: O lanche.

Marye do Nascimento (turma 44): Mais tempo de recreio.

Aquiles Fernandes (turma 42): Mais atividades.

Milena Bano (turma 4A): Cobertura na quadra.

Como a sua família se organizou (com a greve)?

Isabela (turma 34): Meus pais trabalham em casa, então nós aproveitamos para ir no shopping e na praia.

João Leão (turma 34): Meu pai me levava pra escola e pra casa e teve que fazer uma correria.

Susan: Não gostaram porque eu tive que ficar sozinha em casa.

Marye do Nascimento (turma 44): Ruim.

Aquiles Fernandes (turma 42): Acordando mais cedo.

Milena Bano (turma 4A): Fiquei em casa com meu irmão.

Qual sua opinião sobre a greve?
--

Isabela (turma 34): Não sei.

João Leão (turma 34): Legal.

Susan: Os direitos.

Marye do Nascimento (turma 44): É ruim. Não devia mais ter greve.

Aquiles Fernandes (turma 42): Que não deveria existir.

Milena Bano (turma 4A): A minha opinião é que a greve é muito ruim.

Você acha que as pessoas (família) sabem por que os professores e profissionais da saúde entraram em greve?
--

Isabela (turma 34): Eu acho que eles sabem.

João Leão (turma 34): Não sei.

Susan: Foi para lutar pelos seus direitos.

Marye do Nascimento (turma 44): Sim, porque eu tinha vários professores faltando

Aquiles Fernandes (turma 42): Sim, porque não pagam direito os profissionais.

Milena Bano (turma 4A): Porque eles têm que ter os seus direitos atendidos.

ANEXO A – FICHA DE TCC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
COORDENADORIA DO CURSO DE GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

FICHA DO TCC	Trabalho de Conclusão de Curso JORNALISMO UFSC	
ANO	2026.1	
ESTUDANTE	Gabriel Alexandre Elias	
TÍTULO	Infância em Pauta: experimentando práticas de Jornalismo Comunitário com o ensino fundamental	
ORIENTADORA	Isabel Colucci Coelho	
MODALIDADE		Prática de pesquisa
	X	Prática de projetos comunicacionais e jornalísticos
		Prática editorial jornalística
FORMATO DE PRÁTICA EDITORIAL JORNALÍSTICA		Impresso (grande reportagem/livro/revista/jornal)
		Áudio/Rádio
		Vídeo/ TV
		Foto
		Multimídia
Local de apuração	X	Florianópolis
		Santa Catarina
		Brasil/outros estados/cidades: _____
		Internacional / País: _____
PRODUTO JORNALÍSTICO INTEIRO	Sim [] Não [X]	
	Caso tenha solicitado suporte técnico e/ou contratado serviços profissionais para qualquer etapa/parte do trabalho, liste aqui e detalhe no relatório.	

RESUMO

Propõem-se com esse trabalho de conclusão de curso o registro, por meio de descrição e análise, das práticas experimentais de Jornalismo Comunitário, que culminaram com o desenvolvimento de um produto jornalístico, junto às crianças de uma turma de quinto ano da Escola de Educação Básica Municipal Professora Neuza Paula da Silveira, localizada no Bairro Ingleses do Rio Vermelho. As atividades aconteceram em parceria do projeto de extensão Jornalismo e Ação Comunitária, do Departamento de Jornalismo da UFSC, e a disciplina Educação Digital e Midiática da escola, ministrada pela professora Nali Pedroso Nunes. A proposta do produto consiste em uma revista produzida pelas crianças sobre a interculturalidade na escola, resultante do contexto migratório que permeia a instituição e o bairro. Considera-se aqui a infância enquanto momento de exclusão da vida política, portanto necessitando uma abordagem mais humanística do jornalismo, que considere a responsabilidade social da prática.

ANEXO B – DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Gabriel Alexandre Elias, aluno(a) regularmente matriculado(a) no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 22101537, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado “**Infância em Pauta:** experimentando práticas de Jornalismo Comunitário com o ensino fundamental” é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 29 de junho de 2026.

Insira neste espaço
a assinatura

Gabriel Alexandre Elias
064.995.609-52

ANEXO C – TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM

Universidade Federal de Santa Catarina

Centro de Comunicação e Expressão

Departamento de Jornalismo



Termo de autorização de uso de imagem e registros fotográficos

Eu, _____, inscrito no CPF sob no _____, endereço _____, na cidade de _____, AUTORIZO o uso da imagem do meu filho(a), _____, e de registros realizados em fotos ou filme, sem finalidade comercial, para ser utilizada pelo Projeto de Extensão Jornalismo e Ação Comunitária, da Universidade Federal de Santa Catarina, também abrangendo o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante Gabriel Alexandre Elias, matrícula nº 22101537, para atividade de produção jornalística com crianças produzida em parceria com a disciplina Educação Digital e Midiática, ministrada pela professora Nali Catarina Pedroso Nunes, da Escola Básica Municipal Profª Neuza Paula da Silveira (Escola da Infância).

A presente autorização é concedida a título gratuito, abrangendo o uso da imagem acima mencionada em todo território nacional e no exterior, em todas as suas modalidades e, em destaque, das seguintes formas: (I) página da internet; (II) materiais impressos; (III) redes sociais. Por esta ser a expressão da minha vontade declaro que autorizo o uso acima descrito sem que nada haja a ser reclamado a título de direitos conexos à minha imagem ou a qualquer outro.

Florianópolis, ____ de _____ de 2026.

Assinatura